

Na ponta do Lápis

ano XVIII • número 38 • abril de 2022

Margarete Pedro Rosiane
Lilian Jakelme Patrícia Geni
João Wanderley Vinícius
Fernanda Maria Mylenna
Juliana Francisco Antônio
Maria Silmara Jussara Melqui
Joelma Rute Josefa Mayara
Rosana Shantynett Gilmar
Ana Carolina Dayane Shirlei
Ivoneide Maria de Fátima Livia

Palavra de educador(a):

viver para contar e contar para viver

Experiências da 7ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa

Programa Escrevendo o Futuro

Coordenação

Claudia Maria Micheluci Petri – Itaú Social
Rafaela Caruline Rodrigues – Itaú Social
Maria Aparecida Laginestra – Cenpec

CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

Concepção e coordenação editorial

Camila Prado
Giselle Vitor da Rocha
Maria Aparecida Laginestra
Tereza Ruiz

Texto e edição

Camila Prado
Giselle Vitor da Rocha

Colaboração

Sabrina Silva

Revisão

Rosania Mazzuchelli

Edição de arte

Criss de Paulo e Walter Mazzuchelli

Ilustrações

Criss de Paulo

Editoração

Agwm Editora e Produções Editoriais

Fotos

Todas as fotos desta revista são do arquivo pessoal dos autores das matérias, exceto a da página 67

Contato com a redação

Telefone: 0800-7719310

e-mail: escrevendofuturo@cenpec.org.br

www.escrevendofuturo.org.br

INICIATIVA



COORDENAÇÃO TÉCNICA



Sumário

- 6 Margarete Schlatter e Pedro de Moraes Garcez
Tecendo a história da educação pública: convites a quem faz escola
- 14 Rosiane Paes Silva
O ensino como aprendizagem
- 18 **Uma volta olímpica em 20 vozes**
DOCUMENTÁRIO
- 20 Lilian Borba
Um relato sobre os infinitos e os finitos que cabem na Olimpíada
- 24 Pelas salas virtuais do Brasil afora:
a 7ª edição da Olimpíada, no olhar dos estudantes
- 30 **Uma volta olímpica em 20 vozes**
POEMA
- 32 Carolina de Souza e Jakeline Nunes
Sankofa visita minha janela
- 38 Patrícia Calheta
Do lugar do (re)viver a felicidade, a reflexão de uma coordenadora
- 42 Shirlei Marly Alves
Ressignificando a formação no aprender pela experiência
- 44 **Uma volta olímpica em 20 vozes**
CRÔNICA
- 46 João Wanderley Geraldi
Atos de fala e a voz da sabedoria
- 50 Ivoneide Bezerra de Araújo Santos-Marques
O que diz o texto do(a) professor(a) no seu relato de prática?
- 54 **Uma volta olímpica em 20 vozes**
MEMÓRIAS LITERÁRIAS
- 56 Maria Coelho Araripe de P. Gomes
Adiando o fim: os relatos de prática docentes e a educação como ato amoroso de resistência
- 64 **Uma volta olímpica em 20 vozes**
ARTIGO DE OPINIÃO
- 66 Geni Guimarães
Arquiteta

Editorial

Narradores da experiência

Uma pandemia. Um Brasil. Inúmeras escolas públicas. Inumeráveis professoras, professores e estudantes. Um encontro. O cruzamento de tantos caminhos. De tantas histórias. De tantas narrativas. A Revista.

Entramos em 2022 enfrentando desdobramentos dos inúmeros revezes dos últimos dois anos. Como diversas outras áreas, a educação foi profundamente afetada pela pandemia e todos os profissionais se viram desafiados a rever suas práticas para continuar viabilizando o aprendizado para todas e todos os estudantes também no contexto remoto. A pesquisa “Educação não presencial na perspectiva dos estudantes e suas famílias”¹ destacou o aumento, em 2021, do percentual de estudantes que corriam risco de abandonar a escola – 37% em setembro de 2021, comparados com 26% em maio de 2020 – e foi nesse cenário que aconteceu a 7ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa. Convidamos professores e professoras de todo o país para que, juntos(as), pudéssemos redescobrir os caminhos possíveis para fortalecer o ensino da escrita como garantia essencial para o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens. A educação não pode parar.

E por isso seguimos. Estados, municípios, escolas, educadores(as) e estudantes construíram conosco mais uma excelente edição do concurso. Foram mais de 112 mil inscrições nos cinco gêneros – Poema, Memórias Literárias, Crônica, Documentário e Artigo de Opinião. Ao todo, 3.877 municípios, 27 mil escolas participantes e 60 mil professores e professoras engajados(as). Da inscrição às etapas Escolar, Municipal, Estadual, Semifinal e Nacional – tudo aconteceu remotamente.

Além das ações a distância, outra importante mudança da 7ª edição é a reserva de vagas, que ocorreu nas etapas Estadual, Semifinal e Final e foi destinada aos(as) professores(as) que atuam em escolas com Inse (Índice de Nível Socioeconômico) baixo ou muito baixo e que estão abaixo da meta regional do Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica).

1. Cf. em <<https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Educacao-nao-presencial-na-perspectiva-dos-estudantes-e-suas-familias-Onda-6.pdf>>.

Com o foco da premiação centrado nos Relatos de Prática, enviados pelos educadores junto à Linha do tempo e ao Álbum da turma, esta Olimpíada descortinou possibilidades, provocações e descobertas, como nos revelou o professor Josué Lima, em uma das atividades:

“Hoje, saio desse Encontro Regional como produtor de relatos de prática habilitado. [...] Confesso que não tinha noção do tamanho da dimensão que o gênero Relato de Prática pode alcançar, como impactar vidas, transformar realidades, ressuscitar sonhos, levar esperança onde não se tem...”.

E por falar em levar esperança, 210 professores com suas respectivas turmas de estudantes participaram do Encontro de Semifinalistas, ponto alto do concurso em que, assim como em outras edições, acontecem debates e realização de atividades formativas e culturais para professores(as) e estudantes. O Encontro aconteceu num ambiente virtual de aprendizagem (AVA) com atividades síncronas e assíncronas, palestras, leituras, fóruns, ateliês de escrita e rodas de conversa. Enquanto professores(as) se aprofundaram no Relato de Prática, estudantes expandiram o conhecimento sobre os gêneros. Tudo isso regado ao sotaque de todos os Estados do país.

Nasce a Revista

É com o mesmo espírito da Olimpíada, que pôs luz sobre os relatos de experiência, que nasce a 38ª edição de *Na Ponta do Lápis*. Um amplo conjunto de textos em primeira pessoa, esta revista é composta pelas vozes das pessoas que participaram de formas distintas da 7ª Olimpíada.

A revista “começa do começo”, com Pedro e Margarete nos contando sobre como teceram a concepção da nova proposta do concurso, que buscou dar ainda mais destaque aos(as) professores(as). Encadeadas nesse saboroso relato, vêm as palavras da figura central da Olimpíada: uma professora. Em seu texto, Roseane fala sobre o trabalho com o gênero Documentário e como isso influenciou iniciativas da turma e mudanças em sua vida.

Para costurar as páginas, entram aqui e ali, ao longo da revista, trechos dos 20 relatos de prática vencedores do concurso, para o leitor ter um mosaico das experiências vividas pelos(as) docentes e também conhecer um pouco sobre o relato como mais um gênero discursivo.

No esteio de Roseane e dos primeiros trechos de relatos, Lilian, que atuou como formadora de professores(as) no Encontro de Semifinalistas, partilha sua reflexão sobre como educadores e educadoras fazem caber “infinitos” em suas práticas mesmo diante de adversidades.

Para trazer a voz dos(as) estudantes, suas experiências na Olimpíada e no Encontro de Semifinalistas, bem como deliciosas revelações sobre o aprendizado dos gêneros discursivos, compartilhamos fragmentos de cinco entrevistas com alunos e alunas do 5º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio.

Seguindo a cadência, do ponto de vista de quem fez formação com os(as) estudantes durante o Encontro, Carolina e Jakeline fazem seu relato conjunto. Elas nos levam para dentro de algumas cenas da formação, trazendo frases e reflexões sobre o que mais as tocou durante a experiência.

Do lugar de coordenadoras desses formadores(as) de professores(as) e de estudantes, Patrícia e Shirlei narram o que lhes deu força, em meio a tempos desafiadores, para caminhar em parceria com educadores e educadoras e desenvolver estratégias em suas práticas para “[...] arrumar o peito, preservar o jeito de ser feliz”, citando a poeta homenageada da Olimpíada, Geni Guimarães.

Para trazer nestas páginas uma pitada pequena, mas bem especial do Encontro, trechos da palestra do professor João Wanderley, com um pouco de Bakhtin, Paulo Freire, reflexões sobre relato e relatório, pontes entre gêneros discursivos e um exemplo pitoresco de um ofício de Graciliano Ramos.

Indo para a parte final da revista – e da Olimpíada –, temos o relato de quem avaliou os relatos. Aqui, Ivoneide conta como foi o exercício de rigor e de diálogo durante sua experiência na coordenação da Comissão Avaliadora que selecionou os vencedores.

Nas últimas páginas, está a leitura crítica que Maria fez sobre os 20 relatos vencedores, relacionando-os à dimensão amorosa da prática pedagógica, à Pedagogia Engajada de bell hooks, à potência transformadora do trabalho de professores e professoras e à quanto eles(elas) mesmos(as) foram transformados(as) pela proposta de se debruçarem sobre sua própria escrita.

Por fim, e para iluminar nosso percurso, o poema “Arquiteta”, da escritora homenageada, Geni Guimarães.

Esperamos que cada uma dessas vozes traga à tona as singularidades no percurso dos(das) participantes da 7ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa, inspirando outros(as) educadores(as) Brasil afora, que em sua prática também são diariamente atravessados(as) por pequenas e grandes questões.

Agradecemos a todas e a todos pela atuação no Programa, seja participando do concurso, divulgando a iniciativa em sua rede ou realizando as formações oferecidas no Portal. Somos todos nós, juntos e juntas, que construímos essa potente rede em prol da melhoria da educação brasileira. Esperamos que gostem da nova edição da revista.

Boa leitura!

Margarete Schlatter e **Pedro de Moraes Garcez** desenvolveram a concepção e os materiais orientadores do novo formato da Olimpíada de Língua Portuguesa. Margarete é professora do Departamento de Línguas Modernas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde atua em estágio de docência em Inglês e Português como línguas adicionais e coordena pesquisa e extensão na área de práticas de ensino. Pedro de Moraes Garcez é professor do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde atua nas áreas de Linguística Aplicada e Sociolinguística.

Tecendo a história da educação pública: **CONVITES A QUEM FAZ ESCOLA**

Num dos canteiros, entre uma longa folha lanceolada de um lírio rajado e um galho fino e espinhento de uma buganvília, esticava-se um único fio, tênue, transparente, quase invisível. Por ele andava uma aranha.

Luísa me explicou:

– Mãe, eu vi a hora em que ela começou. Pensei que ela estava caindo, porque aranha não voa. Mas ela estava presa no fio e pulou até bem longe, como se estivesse voando, pendurada...

Nesse momento, não caía mais. Subia pelo fio. Até certo ponto, apenas. De repente parou e se jogou de novo no espaço, agora para cima, mais uma vez deixando um fio no seu rastro, mas numa direção completamente diferente. Até alcançar outra folha. Depois voltou novamente pelo fio e retomou o processo. Percorria uma certa distância, mudava de direção, lançava-se no vazio secretando das entranhas o fiapo que a sustentava, fixava-o em algum ponto de apoio, retomava parcialmente o caminho percorrido... Seguia com firmeza um plano matemático rigoroso, como quem não tem dúvida alguma sobre o que está fazendo.

Luísa e eu ficamos assistindo, maravilhadas. De início, manifestávamos nossa admiração com alguns comentários exclamativos. Mas logo nos sentamos no chão e apenas ficamos lado a lado em silêncio, como quem reza ou medita. Durante quase uma hora. Até termos diante dos olhos a geometria exata e rigorosa de uma teia de aranha completa.

Saimos dali encantadas, de mãos dadas. Luísa cantarolou um trecho de Oriente, de Gilberto Gil, canção que não era da sua geração mas ela conhecia, por fazer parte do repertório do pai, músico:

A aranha vive do que tece

Vê se não esquece...

Ana Maria Machado.

"O Tao da teia – sobre textos e têxteis", 2003, pp. 173-174.





Na formação de professoras e professores semifinalistas do gênero Crônica, pude escutar narrativas profundas e comprometidas com a educação, histórias e reflexões sobre trajetórias tão diferentes e que, ainda assim, se reconhecem umas nas outras no afeto, nos valores, na delicadeza e na esperança. Desafios imensos – e intensificados pela pandemia – foram enfrentados na coletividade e com criatividade e, garantidos os espaços e os tempos para o compartilhamento dos relatos de prática e para uma-história-puxa-outra, as experiências e as reflexões foram fortalecendo a consciência da autoria e da potência da formação entre pares. E é nesse coletivo que nos nutrimos, como diz Josefa Silva, de Macapá (AP): “Não se isolar, mas trabalhar em equipe é o que nos dará forças para superar os obstáculos que estão por aí e outros que virão, sem querer desanimar ou desistir de primeira”. E Orita Cardoso, de General Carneiro (PR), complementa: “Falamos de como selecionamos, organizamos, criamos algum sentido ao processo físico, o que foi relevante para dar concretude para esse trabalho de formiguinha tornar-se um grande formigueiro”. Renovei minha identidade de professora-aprendiz-formadora ao poder acompanhar o percurso de compreensão e reflexão coletivas das experiências vividas, do olhar retrospectivo e reflexivo para visualizar as possibilidades para o dia seguinte na escola, as próximas aulas, o próximo projeto pedagógico. Como disse Nancy Cunha, de Careiro da Várzea (AM): “Levarei na mochila para compartilhar com meus colegas na escola os bons momentos que vivenciei aqui, nas trocas de experiências e na força do trabalho colaborativo”. Minha convicção, já de longa data, novamente colocada à prova e de novo confirmada: se temos espaço, tempo e uma pauta pedagógica, a conversa entre professoras e professores é sempre repleta de experiências humanas poderosas, e a possibilidade de partilha é potente em formação. Que cada vez mais, como diz Freire, a presença vá se tornando convivência, e que a convivência, a escutatória e a troca alimentem nossa convicção de que podemos participar, podemos construir coletivamente e podemos intervir nas nossas realidades.

Margarete Schlatter



Na formação de professores e professoras semifinalistas do gênero Artigo de Opinião, ficou bem desenvolvida a percepção de um gênero ainda em conformação, o Relato de Prática, cuja “potência” ficou manifesta. Na roda de conversa final, expressamos nossa satisfação em avaliar que o saldo da semana superou o ceticismo de muitos no início. Apesar de inevitavelmente imersos na rotina de cada um dos nossos espaços de vida cotidiana, separados pela modalidade remota, a dispersão foi superada pelo encontro, pela escuta, pela troca. Saí(mos) fortalecido(s) ao vivenciar um coletivo, percebermos a nossa visibilidade numa constelação de agentes educacionais que comungam de clareza de propósitos da educação linguística no ensino de Língua Portuguesa e Literatura (e as inúmeras referências aos queridos poetas, cronistas, compositores etc. não deixam dúvida de que o nosso componente curricular é uno). A mim tocou fundo a afirmação gradativa, mas expressa, da condição das professoras como autoras de um gênero textual-discursivo talvez em fase de consolidação, mas já bem delineado. Da epifania da condição de professora-autora resulta legítima a efetiva “autor-idade”. Nessa condição de autoria, percebi os professores se transportando por um instante ao lugar dos estudantes a quem solicitamos a produção textual, “a-notando” que pode ser valioso fazer uma pausa para situar a avaliação da produção, amadurecer critérios. Afinal a potência do Relato de Prática se mostrou no corpo e na forma do texto, *se fazendo experiência* por “impactar vidas, transformar realidades, ressuscitar sonhos, levar esperança onde não se tem, ensinar a ser ousado, sair do invisível, ser sensível a tudo e a todos que nos cercam, ter um olhar mais apurado e enxergar aqueles que não são enxergados”, como escreveu Josué de Lima, de Santana (AP). Testemunhei assim a enunciação do Relato de Prática como fundamento para o desenvolvimento profissional, próprio, de colegas (os atuais ou os que vão chegando ou ainda estão por vir). A continuidade das trocas no Fórum reiterou, sublinhou e consolidou tudo isso, mas ainda avançou a consciência, declarada e coletiva, da relevância de contar e ouvir histórias, de fazer tempo e espaço para isso, de criar tempo e espaço para refletir, mais além disso, na redação de relatos de prática. Fazendo minha a chamada de Rosileni da Silva, de Montalvânia (MG): “Isso mesmo, colegas!” – professoras-autoras-formadoras! – adiante nas tessituras e tecituras!

Pedro de Moraes Garcez

Iniciamos este relato com anotações que fizemos durante as formações para os semifinalistas da 7ª edição da Olimpíada. Os quatro dias de convívio deram corpo e alma à potência do narrar a prática que projetávamos nas conversas iniciais com a equipe da Olimpíada: o Relato de Prática como foco do programa e alvo principal da premiação poderia gerar observação e articulação do vivido, escuta atenta, expansão do olhar, reflexões, aprendizagens, vínculos... Mesmo com convicções fortes advindas de nossa prática de formadores, as inquietações iniciais eram muitas: como implementar uma proposta de relatos de prática para todos os professores participantes da Olimpíada? Exigir mais uma tarefa complexa de educadores em escolas públicas, que dia após dia lidam com tantos desafios complexos contemporâneos? Saber lidar com contextos muitas vezes vulneráveis, agir em espaços precarizados pelo descaso do poder público, satisfazer necessidades humanas para muito além de conhecimentos curriculares não raro têm sido aprendizagens prementes para professores que iniciam a sua jornada nas redes municipais e estaduais. Mas a pandemia instalou outras urgências na vida de todos – e na escola sempre está a vida de todos: a incerteza do futuro, o medo e a angústia da falta, a solidão, o morrer e o ter que nascer de novo para fazer diferente. Por que e como propor os relatos agora?

Nesse contexto peculiar, para além da própria história da Olimpíada de trabalhar com leitura e escrita visando a participação autoral, crítica e criativa de estudantes na vida escolar e comunitária, a proposta deveria incentivar os professores a se assumirem autores que são das suas práticas pedagógicas cotidianas e ainda formadores que sempre podem ser ao escreverem sobre suas experiências. E, para ficar mais evidente o percurso singular percorrido com sua turma, na sua escola e na sua comunidade, quem sabe também algo que pudesse evidenciar os avanços dos estudantes nessa trajetória construída coletivamente? A composição do Relato de Prática foi então concebida como uma trama de três fios principais:

- o *relato de prática*, texto reflexivo sobre um aspecto que se salientasse no percurso vivido com a turma durante o ensino dos gêneros da Olimpíada (Poema, Memórias Literárias, Crônica, Artigo de Opinião e Documentário);
- a *linha do tempo*, amostras do trabalho desenvolvido pelos estudantes para representar diferentes etapas do percurso da turma;
- o *álbum da turma*, um registro construído pelo grupo para ilustrar algum momento expressivo do trabalho coletivo realizado.

A trama desses fios poderia urdir, assim, uma narrativa refletida sobre trajetórias individuais e coletivas para gerar aprendizagens. Para cada um desses fios, sugerimos cores, densidades, fibras, nós... As orientações para os participantes foram adensadas em “O dia a dia a muitas mãos” e “Critérios de avaliação”, com perguntas, possibilidades de foco reflexivo, ideias para os registros do professor e da turma durante o percurso, critérios e descrição do que seria valorizado, tudo isso tendo em vista potencializar práticas autorais, interlocução entre os pares, decisões conjuntas e trabalho coletivo, compondo “A tessitura do Relato de prática”¹.

As indagações sobre a proposta, no entanto, seguiam nos desafiando: Por que isso agora, no meio de uma pandemia, em que todos já têm demandas demais para sobreviver e fazer seguir a vida? Qual é a demanda para essas narrativas? Por que relatar a prática é relevante? Quem vai ler / escutar o que os professores têm para contar? Nos encontros e conversas com a equipe, fomos aprofundando a motivação para os relatos.

Antes que primeiro, porque narrar é preciso. Gente, em qualquer tempo ou espaço, narra, e assim organiza, cria os sentidos da experiência. Contar o que se nos passou permite ordenar, dar a perceber, a quem se narra (e assim ao próprio narrador), alguma ordem

1. Confira em <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/relato-de-pratica>>.

na perspectiva de quem narra. Permite se abrir à escuta, e assim desordenar e reordenar. No dia a dia das conversas, contamos e recontamos, isto é, narramos o que nos tocou principalmente depois de ouvirmos as histórias dos nossos interlocutores, demonstrando assim nossos entendimentos da história que nos foi contada ao contar de algum modo semelhante, mas alterando crucialmente o ângulo para o viés da nossa experiência e sinalizando a nossa posicionalidade.

Assim, uma história puxa a outra, e escutar é contar a próxima história; assim, da (re) construção do vivido, construímos sentidos do que é razoável, “ex-pondo” na roda o que percebemos para calibrar o que é e o que pode ser (ou não é e não pode ser). A realidade se faz pelo que pode ser contado, narrado e contabilizado. Fazer isso sistematicamente, ao endereçar um colega, quiçá distante nos tempos e nos espaços, de certo requer ajustes, por exemplo, nos modos de escuta, e esforços extracotidianos, como mobilizar a escrita. Mas, se gente narra porque importa, relatar a prática, por escrito, pode valer a pena – e como! Tanto mais para educadores encontrarem interlocutores solidários, seus pares na ação pedagógica profissional. E se esses educadores forem professores de Língua Portuguesa e Literatura, contar a prática por escrito será também exercício de humildade e coerência. Mais enxergar a si mesmo ao ler o colega, mais reordenar a si mesmo na reescrita da própria prática, que potencial!

Como bem sabem os professores – assim exigem de seus estudantes e assim colocam em prática a partir dos Cadernos Docentes da Olimpíada –: aprender a ler e a escrever poemas, memórias literárias, crônicas e artigos de opinião, tal como aprender a assistir e a produzir documentários, é aprender a se posicionar em relação a questões do lugar onde se vive. Convidados nesta edição da Olimpíada a se posicionar sobre o que vivem e viveram no lugar onde atuam, os professores e as professoras também teriam a experiência de (re)viver os caminhos desafiadores da escrita e da reescrita, tal qual seus estudantes. A demanda era urgente: contar a história a partir do seu lugar de fala para narrar a educação vivida e refletida durante a pandemia, antes que outras vezes pouco ou nada autorizadas o fizessem. Quem melhor do que quem viveu diuturnamente a escola nesse período para tomar posição e narrar a sua perspectiva do que aconteceu em cada um dos tantos lugares singulares que compõem este país?

Todo texto responde a demandas, é interessado e conversa com outros textos. O relato de prática não é diferente. Como colegas-formadores, nos muitos relatos de prática que lemos e discutimos, vimos como as *performances* dos narradores responderam à demanda feita (re)constituindo suas identidades de pessoa-professor(a), (re)construindo os seus fazeres pedagógicos e (re)dimensionando os seus espaços de atuação. Ao (re)viver a experiência por meio da escrita e ao compartilhá-la com colegas, professoras e professores puderam discutir como suas histórias dialogam com outras histórias semelhantes. De um lado, a cadeia enunciativa se constrói em experiências comuns de desafios quase intransponíveis e de deslocamentos inexoráveis para buscar modos de ensinar durante a pandemia, lidando com a dor do outro, o parco acesso à internet, os espaços caseiros pouco propícios à aprendizagem, a tristeza, o desânimo e o cansaço coletivos, o descrédito em relação aos professores e à escola pública. De outro, os professores-autores se (re)constroem como

professores de coragem, engajados na superação individual e coletiva, resilientes e persistentes, inovadores no uso de tecnologias, solidários e mediadores de vínculos na comunidade escolar, definidores do conceito “aprendizagens possíveis”, aprendizes, teóricos de práticas pedagógicas e formadores. São essas histórias escritas que compõem agora uma coleção de perspectivas fundamentais da história brasileira de aprendizagem dos estudantes, de formação profissional e de ressignificação do “lugar onde vivo” durante a pandemia.

Em meio a todas as incertezas que vínhamos acompanhando, esta experiência nos propiciou chegar a mais uma convicção: em situações de crise que podem gerar paralisação e retrocessos, quem *pode* fazer algo tem o compromisso social de fazê-lo. Ao mesmo tempo em que a Olimpíada poderia aumentar a crise, também poderia ser uma ocasião para lidar com ela. Para os que puderam se engajar nessa aventura, vimos como de fato motivou, às vezes salvou. Nas palavras de Renata Dias, de

Espinosa (MG), “Foi uma experiência ímpar, a qual me encorajou a buscar outras ferramentas tecnológicas digitais que proporcionem a interação com os alunos e, sobretudo, que despertem neles o interesse em aprender. Ao final deste trabalho, desta incansável busca pelo conhecimento, houve a soma de muito aprendizado”.

Desde a conversa inicial com a equipe da Olimpíada e pelo percurso até aqui, fomos vendo o relato de prática ser construído pelos professores como narrativa reflexiva potente para o diálogo e a formação do coletivo de quem de longa data assume o compromisso da educação pública. A demanda envolveu escrever e assumir um lugar de fala, se posicionar como autor, assumir práticas cotidianas como conhecimento a ser compartilhado e analisado pelos pares, dialogar com colegas para avançar. Convicções postas à prova e renovadas, potência realizada, renovamos também nosso convite para mais histórias a puxar outras: com a palavra, as professoras-autoras-formadoras e os professores-autores-formadores!

A todas essas narrativas Penélope teve que resistir, acostumando-se a testar-lhes as entrelinhas, até se tornar excelente leitora de todos esses relatos e ficar especialista em desmascarar ficções alheias, sendo capaz de contrapor a elas uma ficção em que passa a ser mestra – sua própria história, que ela repete sem parar e nunca termina, tecendo e desmanchando o tecido que prepara. Até chegar o instante de apresentá-la. O momento privilegiado que Homero nos conta, quando Ulisses volta, e eles se reencontram. Aí, na cama, eles começam a contar suas histórias e ele faz questão de ouvir a dela, antes de contar a sua.

Ana Maria Machado.

“O Tao da teia – sobre textos e têxteis”, 2003, pp. 189-190.

Referências

- GIL, Gilberto. “Oriente”. Álbum *Concerto de Cordas e Máquinas de Ritmo*. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Q4UFG-XL3iU>>.
- MACHADO, Ana Maria. “O Tao da teia: sobre textos e têxteis”. *Estudos Avançados*, 17 (49), 2003. pp. 173-196. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ea/a/Fhjh4R3wPhQrb5vXwbcwcPh/?lang=pt>>.
- SCHLATTER, M. “O percurso da escrita do relato de prática: da experiência vivida à proposta de uma reflexão singular”. *Na Ponta do Lápis*, nº 33, 2019, pp. 26-31. Disponível em <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/8778/napontadolapis33-28ago2019.pdf>>.
- SCHLATTER, M.; GARCEZ, P. M. “Relatos de prática: com a palavra, o professor-autor-formador”. *Na Ponta do Lápis*, nº 29, 2017, pp. 12-19. Disponível em <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/6528/npl29-jul2017.pdf>>.

Rosiane Paes Silva integra o grupo de 59.177 educadores(as) do país que participaram da Olimpíada neste novo formato. Graduada em Letras pela Universidade do Grande Rio (Unigranrio), Rosiane tem especializações em tradução, ensino religioso e educação empreendedora pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É professora de Língua Portuguesa e Espanhola no Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) 441 Mané Garrincha, em Pau Grande, Magé (RJ), onde atua também na coordenação pedagógica.

O ENSINO COMO APRENDIZAGEM

Minha paixão pelas produções audiovisuais iniciou quando eu era bem jovem. De registros caseiros da família, logo em seguida eu estava produzindo vídeos para a minha comunidade “Santa Teresinha”, no Parque Caçula, que fica em Magé, na região metropolitana do Rio de Janeiro. Sempre que precisavam de algum vídeo, seja para alguma homenagem, seja para apresentar o trabalho missionário da Capelinha de Santa Teresinha, era eu quem procuravam. “Terá vídeo? Então é a Rosiane que vai fazer”. Até hoje é assim. Um simples passeio de bike é motivo para se tornar uma produção e levar as pessoas a reflexões. Foi o caso do último vídeo que produzi, o *Turistando de bike pelo caminho do ouro*¹, que está no meu canal do YouTube.

Só sei que foi assim que comecei a me encantar por cinema e a ter essa curiosidade quase autodidata em produzir vídeos e editá-los. Quando fiquei sabendo da Olimpíada de Língua Portuguesa, vi que era uma grande chance para trazer à tona um desejo que sempre andou guardado nos meus porões: *estudar* a linguagem audiovisual. E ainda teria a oportunidade de usar essa paixão pessoal como ferramenta pedagógica. Não tinha a mínima pretensão de chegar à Semifinal; o que fez meus olhos brilharem foi poder adquirir todo aquele conteúdo e aprendido.

1. Para assistir *Turistando de bike pelo caminho do ouro*, acesse <<https://youtu.be/8UiHfxRUQe>>.



Quando iniciei as oficinas de linguagem audiovisual, quão divertidas foram essas aulas! Mesmo *on-line*, eu sempre deixava os alunos instigados porque logo no início das oficinas anunciava que lançaria um desafio valendo nota para o bimestre. Com isso, eles participavam ativamente e, de certa forma, também visitavam seus porões. Um dos desafios que marcaram essas oficinas foi o de filmar sem cortes uma cena do portão de casa até a tela do computador. Imagina só! Saíram coisas engraçadíssimas, desde um gato atravessando as filmagens e quase derrubando o estudante Henry Gonçalves Nogueira, até o choro incansável da irmã menor da estudante Isys Gomes Alves de Oliveira, que assustou com a correria para a produção das filmagens. Nesse exercício de “*travelling*”, eles viram na prática o efeito do movimento de câmera sem cortes e o resultado que ele provoca.

Mesmo as aulas sendo remotas, a presença assídua dos estudantes mostrou que eu estava no caminho certo. Tivemos, todos, um amadurecimento, que abriu nossos horizontes para novas maneiras de enxergar um vídeo, um documentário, um texto, uma produção. O bloco “Situando o gênero Documentário”², por exemplo, foi uma grande escola – estudamos sobre o que é, tipos, estratégias e alcance de um documentário. Foi um aprendizado coletivo. Embora eu tivesse uma paixão pessoal, na verdade, nada sabia sobre os documentários.

Em uma dessas oficinas, propus aos alunos que produzissem um curta-metragem de cunho poético, com duração de um minuto. Yuri Antônio de Souza filmou o caminho para a casa de sua avó, que vivia em outra cidade. Foi de ônibus e aproveitou para fazer as filmagens no trajeto. Na edição, ele colocou as imagens de trás para frente e recitou em voz *over* a poesia “Passageiro”³, de sua autoria. Foi quando

2. Parte inerente ao conteúdo a ser estudado na Olimpíada, onde são abordadas as relações entre documentário, cinema e jornalismo, bem como um detalhamento sobre os diversos tipos de documentário. Confira em <https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario>.

3. Para assistir *O passageiro*, acesse <<https://youtu.be/sUHIwWPRWsl>>.

eu vi que era isso que eu queria para a minha vida. Ir com essa linguagem para além da sala de aula. Sair dos muros da escola. E eles tinham potencial para isso. Daí também saiu o *start* para eu iniciar uma pós-graduação em Cinema e Produções Audiovisuais, assim eu ensinaria com mais propriedade.

Colocando as imagens de trás para frente, assim como fez o Yuri, penso que esse trabalho tinha tudo para dar errado! Pandemia, ensino remoto, alunos todos recém-chegados de escolas públicas municipais e uma professora que eles acabaram de conhecer. Em meio a isso, tive que convencê-los a participar da Olimpíada. Imaginem! E depois, como mandá-los sair de suas casas para produzir algo inédito sobre o lugar onde vivem quando a recomendação era isolamento social? O que fizemos, então? Trabalhamos primeiro todo o conteúdo, e combinamos de deixar a produção do vídeo para o mês de julho, confiantes de que a pandemia seria controlada através da vacinação. O mês de julho chegou, entramos na bandeira amarela e os estudantes puderam começar a sair de suas casas com segurança para realizar as gravações.

O que tinha para dar errado simplesmente deu mais certo do que eu imaginava: fomos parar na Semifinal! Os estudantes curtiram muito a formação, que foi toda *on-line*. Ficávamos comentando pelos bastidores do WhatsApp o que estava rolando na Olimpíada, e por lá eles mandavam fotos dos pais e irmãos, também

assistindo às *lives* e aos documentários utilizados na formação.

Ao chegar na Semifinal, algo novo tinha acontecido: encarnamos o espírito olímpico! Ousamos sonhar com a medalha de ouro. A experiência da Semifinal é “perturbadora”, uma mescla de sentimentos. “Somos semifinalistas. E agora?” No entanto, não fomos para a final. E um sentimento de frustração pairou no ar. Isso soa até cômico, já que lá no início não tínhamos ambição alguma pela premiação. Choramos juntos!

Porém, o nosso desejo de continuidade já não caberia em uma medalha. A paixão pelas produções audiovisuais, que aumentou a partir da Olimpíada, nos deu força para criar o “LAB TAKE 441”, nosso Laboratório Audiovisual do CIEP 441 Mané Garrincha. Na verdade, o “LAB TAKE 441” nasceu assim que terminamos os trabalhos com a Olimpíada e entregamos tudo no dia 5 de agosto de 2021. Pronto! Foi quando começou a indignação coletiva. “Como assim ‘acabou’, professora? Aprendemos tudo isso para produzir apenas um vídeo e fim? Não! Temos que fazer uma ‘Escola de Cinema’”.

Quando falei com a direção da escola, eles não pestanejaram, logo organizaram um local para nossos encontros, a Casa de Cultura. Esse apoio não parou por aí! O diretor marcou o dia para a aula inaugural e convidou o cineasta Heraldo HB, do Cineclube Mate com Angú, para ministrar esse momento.

Em diálogos e reflexões com o professor Alexandre Magno, percebemos que o que queríamos desenvolver na escola era um laboratório audiovisual, um lugar de pesquisa, de aprendizado, de produção e de práticas. O LAB TAKE 441⁴ é a “nave mãe” que abarca vários projetos. O primeiro deles, que surgiu a partir da Olimpíada, é a “Escola de cinema”, que é a multiplicação do saber adquirido na Olimpíada através dos estudantes que viveram a experiência de sua 7ª edição. Eles são os monitores das oficinas – preparam e organizam tudo com base no material da Olimpíada, sob minha orientação, e conduzem os encontros em duplas.

O segundo projeto é o “Cine Clube do Mané”, que acontece de quinze em quinze dias. Exibimos produções, seguidas de roda de conversa sobre o que foi apresentado. O terceiro grande projeto são os “Minicursos”, também ministrados pelos estudantes. O primeiro minicurso foi sobre o aplicativo Canva, ministrado pela aluna Gabriela Guedes, da turma de 2005. Tanto ela como os alunos que participaram da formação receberam certificação. O quarto projeto é a “Escola de formação inovadora”, em que o professor Alexandre Magno, eu e outros educadores parceiros daremos cursos direcionados ao corpo docente de nossa escola para apresentar as diversas

possibilidades de uso das novas tecnologias dentro e fora da sala de aula.

Muitos são os projetos abarcados pela “nave mãe” LAB TAKE 441. Mas para que tudo isso se tornasse realidade e ganhasse corpo, contei com o apoio da diretora Ana Carla de Campos Alves e do diretor-adjunto Sidney Cardoso Santos Filho. Pessoas extremamente empreendedoras, com espírito inovador, que realmente acreditaram no projeto e buscaram parcerias para a criação do laboratório audiovisual. E conseguiram, pois, hoje, o CIEP 441 Mané Garrincha é uma Escola Criativa e de Oportunidades (Escola ECO). Realizado para homenagear Darcy Ribeiro, idealizador dos CIEPs e que no próximo ano completaria seu centenário, o projeto das Escolas ECO, idealizado pela SEEDUC, contemplou 50 CIEPs. E o nosso foi um deles, devido aos trabalhos desenvolvidos na escola, entre eles o sucesso da Olimpíada. Com isso ganhamos o laboratório audiovisual, o espaço *maker*, sala *gamer*, quadros interativos, *container* com aulas de robótica, entre outros recursos.

A Olimpíada passou por nós, nos sacudiu e nos moveu. Saímos da condição de espectadores das experiências para, de fato, protagonizá-las. São as vivências que dão sentido ao aprendizado adquirido. E foram elas que nos permitiram encontrar o nosso espaço, que segue gerando frutos e deixando vestígios para lá de positivos a toda nossa comunidade escolar.

4. Para conhecer o LAB TAKE 441, acesse <<https://youtu.be/7PXoeffucc4>>.

Uma volta olímpica em 20 vozes

Estes fragmentos foram selecionados a partir dos 20 Relatos de Prática vencedores da 7ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa, compondo um passeio por variadas narrativas e estratégias criadas por educadoras e educadores ao longo do percurso com suas turmas. São passagens que levam a muitos cantos do Brasil, por caminhos recém-trilhados para o ensino de gêneros discursivos em tempos desafiadores.

Vinícius Delfino Silva

IFES – Campus Avançado Viana, Viana (ES)

E agora, professor?

“As conversas para resolver como aconteceria a escolha dos documentários representantes da turma tomavam forma. Os próprios estudantes bateram o martelo: não se sentiam totalmente seguros para optar por dois documentários. Dessa maneira, a votação deveria contar com mais jurados:



professores da própria instituição e convidados externos. Na verdade, idealizamos um momento para exibir todos os documentários da classe – sim, todos os estudantes produziram, incrível, não é? – e, ao final, haveria a votação. Antes disso, preparei uma espécie de cardápio com

a sinopse dos documentários, com o *link* dos vídeos. Assim, o jurado poderia assistir com mais calma e realizar seus apontamentos. Os discentes estavam empolgados. Um assistiria ao documentário do outro, haveria interação, comentários, torcida e tudo mais. E foi justamente esse o clima: o apoio de um trio para com o outro era lindo de se ver! Passamos quase uma tarde toda de sexta-feira nos deliciando com os documentários – cada um com uma perspectiva singular. Teve choro – do professor também! –, palmas, muitas risadas, elogios e a exigência de todos ficarem com a câmera ligada enquanto durar o momento.

Juliana Dantas de Macêdo Nóbrega

EE Monsenhor Amancio Ramalho, Parelhas (RN)

Um roteiro de experiência gravado pela sensibilidade educacional

“Na medida em que assistiam ao documentário, observava-se um encanto, uma emoção em cada olhar... Um redescobrir do próprio lugar onde moram, sua história. Um trio de estudantes escolheu como tema a questão “Quilombola” no nosso município, e abordou questões referentes à cultura, à educação, além de explanar sobre a situação em que eles vivem atualmente na comunidade Boa Vista.



Sem dúvida, essa foi uma escolha diferenciada, que oportunizou aos estudantes não só conhecimento, mas o exercício de valores como: empatia, respeito, solidariedade e paz. Esse documentário nos apresenta uma Parelhas de muitas cores, muitos

sabores, cheiros, de muito sol e de um constante nascer de um novo dia, de um povo amoroso, com garra e que enfrenta as dificuldades com coragem, que acredita que tudo passa e que a educação pode transformar qualquer realidade. São verdadeiros valentes sertanejos, que sabem da importância de sua cultura.

Nota: visando a preservação de sentido nos trechos – aqui destacados de seu contexto original – e a sua adequação ao espaço delimitado da revista, pequenos ajustes de edição foram realizados.

Passeio por relatos de prática vencedores

Aqui estão trechos dos quatro relatos de prática vencedores escritos por professores(as) que trabalharam o gênero **DOCUMENTÁRIO**.

Ao longo da revista, você encontra também saborosos trechos de professores(as) que trabalharam os gêneros Poema (pp. 30 e 31), Crônica (pp. 44 e 45), Memórias Literárias (pp. 54 e 55) e Artigo de Opinião (pp. 64 e 65).

Mylenna Vieira Cacho

IFRN – Campus São Gonçalo do Amarante, São Gonçalo do Amarante (RN)

Abram as câmeras! Aqui também tem Olimpíada

“Assistíamos, em algumas aulas síncronas, a documentários. Os primeiros foram *Flores do meu bairro* e *O lugar onde vivo tem dona Militana*. O contato com esses dois curtas provocou identificação



com as temáticas, respectivamente, do preconceito da sociedade com os bairros periféricos, e do destaque à maior romaneira de versos e histórias do Brasil, natural de São Gonçalo do Amarante. [...] Senti, com essa experiência, que precisava continuar

abordando narrativas próximas da realidade dos estudantes. Solicitei-lhes a visualização de *Remoto*, que retrata dificuldades, expectativas e experiências dos personagens do Campus Zona Norte, no que diz respeito ao ensino remoto emergencial no âmbito do IFRN. [...] Entrei em contato com Justino Neto, diretor e roteirista desse vídeo, a fim de explicar, através de uma roda de conversa, como ocorreu o processo de produção, bem como possibilitar uma melhor compreensão dessa linguagem multissemiótica. No encontro, outras questões apareceram, como a ética e o planejamento da escrita nos gêneros que antecedem a produção.

Shantynett Souza F. Magalhães Alves

EE Betânia Tolentino Silveira, Espinosa (MG)

Não desiste deles não, viu!

“As produções iniciais foram chegando timidamente. Ao analisar os textos, pude perceber o quanto o trabalho de pesquisa destacaria a singularidade, os aspectos da história e da cultura desse lugar de pertencimento. Juntos, fomos desafiados, estimulados, a buscar, a conhecer e a dar



visibilidade às diferentes vozes de poetas, de pesquisadores, de antigos moradores, entre outros, de nossa cidade, que embasariam as produções, tanto a escrita quanto a audiovisual. Aos poucos, os textos foram sendo revisados e encaminhados com a devolutiva; as versões iniciais foram

sendo aprimoradas, adquirindo mais consistência. [...] Algo inédito aconteceu no que diz respeito à produção de documentários em nossa cidade, diferentes segmentos da sociedade nos auxiliaram na construção fílmica – sociedade e escola criando espaços de aprendizagem em um momento desafiador. Do pequeno produtor rural ao destaque empresarial. Membros da rede pública e particular de ensino. Amigos, vizinhos, ex-estudantes da nossa instituição, familiares, o pároco. Todos contribuindo para a construção do conhecimento, para o êxito de uma educação pública de qualidade que assegure e amplie o letramento de nossos estudantes.

Lilian Borba participou do Encontro de Semifinalistas da 7ª edição da Olimpíada como formadora de professores(as) que trabalharam o gênero Poema; também realizou avaliação de relatos de prática dos cinco gêneros que integram o concurso. Lilian é graduada em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com doutorado em Linguística e estágios de pós-doutorado pelas Universidades Estadual de Campinas (Unicamp). Tem experiência em projetos relacionados à formação continuada de professores de Língua Portuguesa e à elaboração de material didático. Publicou artigos sobre os africanos e a formação do português brasileiro. É professora de Gramática e Sentido no cursinho popular “Pré-vestibular Lélia Gonzalez”, em Campinas (SP).

Um relato sobre os infinitos e os finitos que cabem na Olimpíada

A edição de 2021 da Olimpíada de Língua Portuguesa trouxe como novidade o foco da premiação no relato de práticas docentes. Tal mudança fez com que professores e professoras se tornassem protagonistas nas reflexões sobre ensino e aprendizagem coletiva e colaborativa. Considerando que narrar é (re)significar, parto do princípio de que relatos de experiência são testemunhos históricos, e o tema “O lugar onde vivo” propicia aos docentes elaborar atividades a partir das quais os estudantes têm a oportunidade de olhar para sua cidade, pensar sobre ela para então “textualizá-la”. Olhar, (re)pensar, textualizar são ações relevantes na construção de cidadania – um dos papéis da escola pública – esse tipo de ação promove o que eu chamo de “olhar de ver”, em outras palavras, o tema da Olimpíada pode propiciar a desautomatização do olhar e do entendimento sobre a cidade, levando estudantes (e docentes) a experienciar o lugar onde vivem de formas diferentes. Neste artigo, busco externar parte de minha percepção sobre o envolvimento docente, sobre as significações do narrar e sobre o importante papel da Olimpíada nessas relações.

Em agosto, fui convidada para avaliar os relatos de prática docente relacionados aos cinco gêneros que pertencem ao concurso: Documentário, Crônica, Poema, Memórias Literárias e Artigo de Opinião. E, já em seguida, fui chamada também para atuar com o grupo de docentes formadores, cabendo a mim participar do Encontro de Semifinalistas do gênero Poema. Ao longo de quatro manhãs, na modalidade *on-line*, interagi com 21 professores provenientes do que chamo de “diversos interiores” do país. Nesses encontros, abordamos vários aspectos sobre a escrita, a função e a força tanto dos relatos produzidos pelos docentes quanto pelo

processo de produção dos poemas elaborados pelos estudantes. Ver e ouvir mestres de escolas de cidades de pequeno e de médio porte, e de alguns municípios muito pequenos, narrarem oralmente momentos significativos de sua jornada em 2021, durante nossas rodas de conversas virtuais, se constituiu em uma vivência e tanto para o grupo! Discorremos muito sobre as condições de produção do trabalho docente e o elemento intrínseco a todos os relatos foi a pandemia da Covid-19 que fez com que as portas das escolas se fechassem em muitos momentos, levando a escola para dentro das casas de alunos e de professores. Parte substancial do enfrentamento da pandemia pela escola está documentada nos relatos elaborados pelos professores e professoras e também nos textos dos alunos e das alunas. Foi comovente, por exemplo, acompanhar a fala de um professor do Amapá que esteve internado em virtude da Covid, ou saber sobre uma mãe que precisou coletar e vender

material reciclado para comprar créditos para o *smartphone* da família para que os filhos pudessem acompanhar as aulas *on-line*, ou ainda ouvir o relato da professora que mora pertinho da escola e cuja residência se transformou em uma referência para que estudantes e pais recebessem orientação sobre atividades escolares. Enfim, nos encontros pelo ambiente virtual, discutimos o quanto os relatos produzidos são testemunhos desse período pandêmico, portanto são fontes para que se conheça um pouco da percepção de professores de diversas cidades sobre a função da escola nesta época.

Hoje, estou aqui, escrevendo meu relato de experiência no trabalho com diversos colegas de profissão, muitos dos quais não conheço pessoalmente, mas com quem me identifiquei demais, sobretudo no que diz respeito à parceria que conseguiram estabelecer com seus alunos criando grupos de mensagens eletrônicas, elaborando atividades extracurriculares, convidando poetas para atividades com estudantes,



promovendo entrevistas com pessoas da cidade... Ou seja, os professores, cuja experiência teve a oportunidade de conhecer, buscaram propiciar momentos de aprendizado significativo durante o desafio da Olimpíada. Segundo os relatos docentes, o trabalho de escrita passou a ter propósitos múltiplos não se resumindo a “apenas” produzir um poema para/na escola, sendo que em muitos casos o compromisso acabou se transformando em experiências singulares. Uma delas foi relatada por uma professora do 5º ano em cuja classe há alunos portadores de deficiência. A docente propôs aos alunos que modelassem com barro extraído de seus próprios quintais algum elemento que tivesse relação com sua cidade. Apesar da recusa inicial por parte de alguns estudantes, a professora que também produziu seu trabalho com o barro conseguiu levar os alunos a participarem dessa atividade de certa forma introdutória ao ato de escrever. Pode-se dizer que estrategicamente houve um deslocamento no trabalho com linguagens de forma lúdica e muito concreta que propiciou a inclusão de estudantes com deficiência que se manifestaram por meio de outra linguagem. Durante nossas rodas de conversa virtual, a professora mostrou ao grupo imagens do trabalho que tocaram os participantes do encontro.

Aliado a essa possibilidade de deslocamentos no trabalho docente, um elemento que sempre me toca nesta atividade profissional é a animação, o entusiasmo com que certos professores assumem desafios ainda que em lugares com pouca atenção em termos de

estrutura, em condições adversas como o momento pandêmico em que vivemos. No breve convívio com os professores semifinalistas, tive por vezes a sensação de que muitos de meus colegas professores conseguem encaixar o infinito da criatividade de suas ações pedagógicas, o infinito de suas ações humanas no finito dos dias letivos, no finito da estrutura escolar, no finito dos créditos de internet. Muitos professores conseguem encaixar o infinito potencial de seu conhecimento até mesmo na dura realidade da fome de alguns de seus alunos, às vezes, muito pequenos. Isso não é pouca coisa. Eu me senti realmente privilegiada por poder acompanhar e conhecer as ações que tantos professores desenvolveram ao longo desta Olimpíada que aconteceu no segundo ano da pandemia da Covid-19.

Essa habilidade, aparentemente paradoxal, de conjugar infinito e finito, que constitui o fazer de certo tipo de professor me traz à lembrança o personagem Clarimundo Roxo, da obra *Caminhos cruzados*, de Erico Verissimo. O mestre, criado por Verissimo, “preparou projetos, estudou e compreendeu Einstein, escreveu artigos para jornais, notas sobre filosofia, matemática, física e astronomia recreativa”, e costuma acordar muito cedo para vencer a agenda de aulas para alunos de diversas classes sociais. No romance, o professor Clarimundo faz a ponte entre mundos diversos cujos indivíduos têm acesso extremamente desigual a bens materiais e culturais. O narrador faz a seguinte afirmação sobre os sonhos e a dura rotina de Clarimundo:

“O espírito do professor monta na vassoura mágica e vai fazer uma excursão pelo país das maravilhas. Outra vez os dois mundos: o infinito dentro do finito”¹.

Ao traçar um paralelo entre essa interessante passagem do romance e algumas das manifestações dos professores durante Olimpíada, me permito dizer que a “vassoura mágica” dos colegas docentes espalhados pelo país afora é, sem dúvida, o desejo de que suas aulas sejam significativas para seus estudantes, já o “país das maravilhas” é o conhecimento construído, renovado, revisto! Mas quero ir um pouco além dessa imagem literária, destacando a característica aparentemente paradoxal que muitos docentes possuem de conjugar o infinito dentro do finito, e compartilhar outro relato feito em uma de nossas rodas de conversa *on-line*. Uma docente do Sul do Brasil, contou parte do trabalho com alunos de sua classe que vieram do Haiti e da Venezuela, e que tinham dificuldades para escrever em língua portuguesa, ainda que falassem outros idiomas. Depois de diversas tentativas que não foram exitosas, a professora sugeriu aos alunos que escrevessem em suas línguas maternas, falassem de seus países de origem e explicassem os sentidos do que produziram para seus colegas de classe. A docente observou que todos os alunos tiveram uma experiência plural, multicultural. Como linguista, esse relato me tocou profundamente pois a possibilidade de explorar línguas e culturas diferentes nas atividades de escrita com alunos do 5º ano me pareceu realmente abrir novas janelas de compreensão não só de idiomas como também de realidades, de outros lugares que esses alunos compartilharam com os colegas!

Participar desta edição do concurso acrescentou à minha prática profissional esse sentido de “experiência” como gesto de desautomatização do olhar que requer tempo para se refletir e muitas vezes refazer caminhos. Ler relatos de prática docente, escutar sobre a vivência profissional de colegas, me fez (re)aprender sobre a importância desse gênero narrativo como elemento que atua na formação docente. Narrar experiências no contexto da Olimpíada é uma forma de documentar, de testemunhar, de fazer história. E, no contexto escolar, os relatos escritos e oralizados valorizam a produção resultante da parceria professores-estudantes. Para mim, o que ficou para além dessa jornada formadora foi o desejo de voltar a trabalhar com textos como fontes documentais, pois meu olhar sobre relatos, sobre narrativas em primeira pessoa, adquiriu um novo sentido: falar sobre nossa vivência é um ato político também. Que venham novas edições da Olimpíada de Língua Portuguesa nas quais podemos continuar aprendendo a conjugar os infinitos e os finitos do fazer docente.

1. Referência Literária: Erico Verissimo. *Caminhos cruzados* [1935]. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016, p. 28.



PELAS SALAS VIRTUAIS DO BRASIL AFORA: a 7ª edição da Olimpíada, no olhar dos estudantes

O novo formato do concurso possibilitou que 2.374 estudantes de todos os cantos do Brasil participassem do Encontro de Semifinalistas, um número quase quatro vezes maior que nas edições anteriores. Para falar dessa vivência, de processo criativo, de aprendizagem de gêneros textuais e de escola em tempos pandêmicos, batemos um papo com cinco estudantes que nos contaram o que mais lhes marcou nessa jornada. Acompanhe aqui os melhores trechos dessas entrevistas.

Por Camila Prado

RITA Costa, 13 anos

EMEF Francisco Nunes – Maracanã (PA) – Professor Edvilson Filho Torres Lima

Aprendendo a lembrar

“Eu não sabia o que eram **MEMÓRIAS LITERÁRIAS**. Então os professores me explicaram, o pessoal da Olimpíada me explicou... Achei bem interessante aprender que o trabalho com Memórias Literárias nos faz lembrar a memória da infância – como eu lembrei –, como nós éramos quando crianças, o que fazíamos, o que nossa família fazia etc. [...] Vai ficar no meu coração tudo isso. O professor Edvilson me ensinou a lembrar das coisas que eu escrevi. Nos fez entender o gênero [literário] de uma forma muito bonita. Baseado nos exemplos dele, lembramos das nossas próprias memórias. [...] Eu escolhi o meu personagem: foi meu brinco¹. Ele é um objeto marcante na minha vida porque foi minha bisavó, de 96 anos, que me deu quando eu tinha 5 anos. Então isso eu vou levar pra sempre na minha vida. Ela me deu porque como contei lá no texto que fiz, quando eu era criança, ficava no colo dela, mexia nos brincos dela, e isso de uma forma mexeu com ela. E ela me deu. Depois desse dia, minha mãe mandou furar minhas orelhas e passei a usá-los. Esse objeto eu levo para onde for.

[...] Quando o professor Edvilson se ausentou por causa da Covid, os professores Thiago, Gleicy e

Jonniel² ajudaram nossa turma a prosseguir na competição. Principalmente na fase da Semifinal. [...] Os professores me ensinaram coisas que eu nunca tinha estudado. Agradeço muito a eles por ter chegado até aqui.”

A roça e o estudo remoto

“Eu nunca imaginei que ia estudar em casa. É uma coisa muito ruim. Na escola, tem professor para nos ajudar. Eles estão todo o tempo ali. Em casa não. Nossos pais, nossas mães têm o compromisso de ir pra roça, minha mãe tem coisa para fazer em casa, meus avós e minhas tias também vão pra roça, pra horta. Então era eu e minha tia – quando ela tinha tempo. E ela botou a internet. Pagou para nós. Nesse tempo de pandemia foi preciso porque nós tínhamos que fazer aula *on-line* e responder trabalho pela internet. [...] Não estar presente em sala de aula nos deixou desacostumados ao ritmo dos estudos. Por mais que eu tentasse me esforçar, eu sentia dúvidas, precisava de ajuda. Não era como se nós estivéssemos na escola. [...] Depois] foi uma experiência boa eu voltar a estudar, esse tempo da Olimpíada que foi na escola, voltar a ter contato com meus colegas, professores, voltar a desenvolver mais minha leitura e escrita com a Língua Portuguesa, de que gosto muito, que é minha matéria preferida.”

Riqueza inédita

“O Brasil é muito maior do que eu imaginava. Pelas histórias, pelas paisagens que mostraram. Foi muito bom participar [dos Encontros] com outros alunos do Brasil. Achei muito importante e espero acontecer mais isso comigo. Ter contato com colegas de outras regiões do país e saber um pouco de suas memórias me despertou o desejo de conhecer lugares tão diferentes dos que já estou acostumada. Fiquei feliz de perceber que eles também se emocionaram por conhecer minhas memórias e meu lugar.

Nessa participação da Semifinal, senti bastante riqueza que eu nunca tinha sentido. Dessa riqueza da diversidade brasileira. Senti muita riqueza disso.”

1. No 3º dia de Encontro de Semifinalistas, os estudantes foram estimulados a escolher um objeto que contivesse uma memória, um sentimento, um significado em sua vida, na atividade “Ateliê de escrita: Objeto biográfico”.
2. Thiago da Silva Laurindo, Gleicy Cristina Santos, Jonniel Santana Trindade, .



ANDRÉ LUIZ Godinho, 17 anos

EEPM Tiradentes – Lucas do Rio Verde (MT) – Professora Sandra Cristina Buchelt

Humanas e exatas

“Eu assistia muito Discovery. Já estava acostumado com **DOCUMENTÁRIO**, mas com documentário mais expositivo, sobre coisas. Nunca assim, um documentário poético. Só nas Olimpíadas eu assisti a essas referências. [...] Não tinha pensado em fazer documentário antes, mas já escrevi, roteirizei teatros, então já tinha um pouco de experiência. [...] Apesar de gostar mais de exatas, eu sempre fui de escrever. Só que geralmente eu só escrevo mesmo por *hobby*, às vezes é uma espontaneidade mesmo... Mas meus textos de teatro foram [encenados] duas vezes. Um deles na escola, recentemente até. É sobre escravidão. Conta a história de um escravizado que foi capturado lá na África, nas terras dele. Ele é vendido para um senhor de Engenho. Como a família dele morreu, ele está triste. Ao encontrar outros dois escravizados, percebe que não adianta ficar daquele jeito. Então ele e esses dois escravizados tentam fugir. Não conseguem, e morrem fugindo. Eles preferem morrer para ser livres do que continuar sendo escravizados.”

Desafio matinal

“Agora que a aula voltou presencial, temos que acordar às 5 horas. Porque a escola é longe, e como é militar, tem farda. Até arrumar toda a roupa... [No remoto,] tinha que acordar às 6. E foi numa aula no Google Meet, bem cedo, que a professora soltou o desafio e apresentou a proposta da Olimpíada. Comecei a mandar mensagem pros meus amigos, pra definir o grupo, que tem que ser no máximo de três. Na minha turma, só tinha uma pessoa que queria fazer. Então tive que chamar um aluno de outra turma. Do outro 2º ano, teve mais gente interessada, se não me engano. [...]

A gente tinha várias ideias, teve uma reunião com a professora e com outros alunos, debateu o que os grupos iam fazer. Tivemos a ideia do pioneirismo em Lucas do Rio Verde. [...] Quando a gente começou, falaram que tinha que escrever um roteiro, e depois fazer entrevistas. Passou uma semana, passaram duas, e não conseguimos agilizar. [...] Aí a gente pensou ‘Ah, vamos entrevistar, conseguir material e trabalhar em cima disso’. [...] O objetivo era falar sobre as primeiras pessoas que chegaram aqui, só que o entrevistado, [...] um empresário famoso aqui de Lucas, que já foi prefeito antes [...], contou mais a história da nossa cidade, que tem 33 anos, se não me engano. Muito poucas pessoas conhecem por que a cidade é aqui, como que a cidade se fixou aqui. A gente ficou surpreendido e mudamos o tema: de pioneiros para a nossa cidade em si. O entrevistado mudou totalmente nossa perspectiva! Conseguimos fazer o roteiro de acordo com o conteúdo que tinha. Isso foi bem interessante. A gente gravou quase duas horas e só usou 5 minutos.”

De volta pra casa

“Eu nasci aqui em Lucas do Rio Verde (MT). Só que como meus pais são missionários, aos 3 anos, tive que ir lá na África, para a ilha São Tomé e Príncipe. Só retornei ao Brasil onze anos depois, em 2018. Lá eu estudava em escolas portuguesas. A gente não usava gerúndio. Era ‘estou a fazer’. [...] Sendo assim, ainda estou aprendendo a ser brasileiro – estou usando o gerúndio, então estou no caminho certo. [...] Meu sotaque era diferente também. Passaram-se dois anos e, em 2020, eu já tinha perdido totalmente o sotaque. [...]

No caso [do Encontro de Semifinalistas da Olimpíada], o ganho é a troca com as regiões do Brasil. Tinham pessoas do Norte, Nordeste, pessoas lá do Sul. Eu que sou do Centro-Oeste. Por ser remoto, tinham muitos sotaques. Isso, querendo ou não, é uma experiência boa. Um só país, falando a mesma língua só que de diversas formas diferentes. [...]

Aprendi bastante sobre documentário nas palestras que tivemos. Aprendi sobre como contar uma história, não apenas entregar informações na cara do espectador. Colocar as informações de um jeito mais subjetivo, às vezes torna o documentário mais interessante. Essa seria a função do documentário, mostrar a realidade de uma forma diferente. [...] Documentário seria a junção de todas as artes porque é uma mistura entre visual, informativo, poético. Você trabalhando num documentário, vai conseguir ter habilidades que são úteis em outras áreas. É um gênero muito amplo.”

CARLOS EDUARDO Scherrer, 15 anos

EMEF Manoel de Paula Serrão – Anchieta (ES) – Professora Marta Freire Moreira

Do verso à prosa

“Poema é o gênero literário com que eu mais me identifico, de que eu mais gosto. Meu primeiro contato foi no 4º ano com a professora Arlete. No 6º ano, eu já tinha um pouco de prática [de escrever] porque eu sempre gostei de escrever poema. Tanto que escrevo até hoje. [...] Lembro que foi na pandemia que a professora começou a introduzir **CRÔNICA** quando a gente ainda estava aprendendo em casa, ensino a distância. Lembro-me de ter ficado meio apreensivo, porque é um gênero que eu nunca gostei muito. Nunca peguei para escrever uma crônica. E foi muito interessante como a professora foi introduzindo isso. Primeiro, ela passou uma prova, com uma crônica, depois teve uma dinâmica em que ela passou uma crônica e fez um júri, com uns defendendo e outros acusando a personagem. Acabou que a gente foi gostando aos poucos. [...] É mais nessa parte [na ponte entre poema e crônica] que eu me achei. A crônica e o poema são textos bem diferentes, mas têm suas similaridades, no sentido de que o poema é o auge do sentimentalismo, você tem que colocar a emoção ali; e a crônica é um pouco disso, só muda que é de um jeito mais corriqueiro. Não é que nem um poema, que você fala de uma paixão ou de uma melancolia sem fim. Não é disso, que são coisas que não acontecem sempre.”

Inspiração versus expiração

“Foi difícil no começo. Porque sou acostumado não a escrever para uma atividade, mas assim: ‘Ah, agora eu quero escrever, hoje eu estou com vontade de escrever...’. Um dia, uma vez no mês, uma vez na semana... quando me der vontade. Então, forçar, entre aspas, a cabeça a escrever é mais difícil. [...] Comecei a produzir quando a professora introduziu a crônica e comentou que estava passando esse gênero porque ia ter uma Olimpíada e já era pra ir rascunhando. [...] Tive dificuldade em achar um tema. Não tinha como sair para ver ‘Ah, isso aqui na minha cidade’. Então foi mais fácil quando a professora me ajudou e a gente voltou para o presencial. [...] Escrevi sobre briga que acontece no bar do meu avô. Fui criado em beira de bar, porque aqui é minha casa. Se eu subo a escada da minha casa, eu dou no bar do meu avô. Desde pequeno eu vejo briga que sempre acontece por disputa de sinuca, jogo de baralho. Mas para escrever mesmo e dar a forma final, foi quando voltou a aula presencial. [...]

Minha relação [com a Crônica] mudou muito com os Encontros de Semifinalistas. Porque até então eu estava começando a gostar, mas não tinha despertado o interesse excepcional ainda. Mas com esses encontros, aprendendo a história da crônica, o que é a crônica, tudo direitinho, tudo regradinho, eu fui me interessando bem mais.”

Parar o olhar

“Tinha várias atividades sobre a cultura brasileira, era muito puxado para isso. Teve uma música que eles passaram. Teve uma animação para comentar. Fizeram um dicionário poético que a gente colocava palavra. E foi bem legal porque te dá uma nova perspectiva. [...] Teve até uma crônica que eu me lembro do título dela: ‘Olhos parados’ [de Manoel de Barros]. Ela te ajuda a ver diferente, porque é muito fácil você estar andando no seu dia e não ver que tem uma coisa bonita ao seu redor. Também me marcou a *live* que as formadoras fizeram com o autor de um livro de crônicas sobre a superação dele por ser negro e gay na sociedade [...] Como os encontros foram remotos, a professora deu ideia de a gente ir na escola, para quem não tinha muito acesso à internet, e para facilitar também. E caiu numa semana de recesso aqui. [...] A Marta demonstrou sempre estar ali para ajudar. [...]

Eu nunca tinha parado para pensar nessa vida corriqueira, eu nunca tinha parado para escrever do meu cotidiano. Até porque, quando eu faço poema, eu penso mais em mim comigo mesmo, não com o mundo ao meu redor. [...] Me deu mais vontade de me inteirar desse assunto, me deu mais vontade de escrever crônica. Poema eu sempre tive vontade. Mas me deu vontade de colocar o pé nesse mundo de crônica, de entender. Porque é muito estranho como alguém consegue escrever, sei lá, sobre uma rachadura na parede, e desenvolver isso. Eu acho isso muito lindo.”

Versos que curam

“Eu morava em João Pessoa, mas meus pais estavam com plano de se mudar e ir para o interior. E mudamos. Estou no 5º ano. Gosto de escrever histórias tristes e tento ficar feliz. Fazer **POEMA** que veja o lado bom dessa história. Eu me inspiro muito no lugar onde eu vivo e no mundo. [...] Quando estou em casa, fico com vontade de escrever. E escrevo. A minha inspiração de começar, quando a escola disse que a gente ia participar da Olimpíada, foi um livro de Augusto dos Anjos que meu pai ganhou de um amigo dele. Procurei saber sobre a vida dele mesmo – sem poemas – sobre o que aconteceu. Se não me engano, morreu aos 30 anos de pneumonia. [...] O livro se chama *Eu e outras poesias*. São 285 páginas de poema. Não li, porque é um livro muito de mente adulta. Fala de palavras bem diferentes. E é bem triste mesmo. A pessoa lê e se emociona muito, quer chorar. Meu pai achou esse livro numa estante da biblioteca e foi ler pra gente. Pra minha mãe, pra ele e pra mim. Eu já estava na Olimpíada. Ele leu e se emocionou muito. A pessoa via pelo olhar que começava a chorar. [...] Eu sou uma pessoa que choro poucas vezes. Eu tento me aguentar. Mas eu estava com vontade. A pessoa pensa assim ‘o mundo é cheio de discriminação’, e esse poeta vence as suas dores à base de poemas.”

Palavras rimadas

“A gente estava numa aula normal e o professor falou: ‘Pessoal, hoje eu tenho uma notícia muito boa para vocês’. Disse que íamos participar da Olimpíada de Língua Portuguesa, que era uma coisa muito boa, que a gente ia se expandir mais na mente, essas coisas. Tipo o Bráulio Bessa: se não me engano, ele não tinha estudo e começou a escrever e foi se tornando um escritor famoso. O professor falou sobre ele, sobre a vida, que se a gente se esforçasse muito a gente conseguiria ainda ser um escritor, ser alguma coisa boa na vida. Eu fiquei animado, pois o meu pai sabia, já tinha uma base, o que era poema. Estrofas.

Versos. Eu gostava de poemas. Escutava... Mas, em si, eu não sabia o que era poema. Eu só sabia distinguir as palavras que rimavam. Eu chamava de ‘palavras que rimam’, não chamava de poema.”

Um bocadinho cá, um bocadinho lá

“Na minha classe tem 33 pessoas e a turma ficou muito animada, porque era uma coisa nova que ia experimentar. A proposta foi no começo do ano, acho que na sexta aula. [...] O professor foi ensinando mais o que era poema, dava textos para marcar as rimas e para fazer outros poemas a partir dele. A atividade de que eu mais gostei foi fazer quadrinhas, que falavam do Estado, às vezes, das cidades, da casa. Eu falei mesmo sobre o assunto de que eu pesco. De início eu achei uma descoberta incrível, que em quadrinhas a pessoa podia ampliar para poemas grandes, e em poemas existe uma quadrinha, se a pessoa for perceber. [...] A Olimpíada foi uma atividade muito inspiradora para quem não tinha inspiração na vida. Porque tem pessoas que só querem ficar no celular, 24 horas, e nessa Olimpíada a pessoa podia se inspirar mais com a natureza, falar de uma árvore da sua casa, da casa do vizinho, de um amigo, dos pais, dos tios, essas coisas. [...] A gente estava em quatro turmas, o 5º ano A, B, C e D. Tudo na mesma sala do Google Meet. Juntavam os quatro professores. Aí um explicava uma parte e o outro, a outra. Aí geralmente era tia Verônica que explicava essa parte de poema.”

Dois pontos de vista

“Todo mundo da sala fez um **ARTIGO DE OPINIÃO**. São 30 pessoas. É o Ensino Médio com o técnico – eletrotécnica. A professora chegou, apresentou sobre a Olimpíada. A gente já conhecia porque tinha feito o trabalho com a Olimpíada no 1º ano. Mas ela explicou as regras, como vai indo cada etapa. E ela foi ensinando para a gente como fazer um artigo de opinião. Convidou um ex-aluno que chegou até a etapa final, mas não ganhou, e a gente leu o dele, foi discutindo sobre como fazer. Fizemos uma primeira versão, ela corrigiu e teve muitos que (não foi o caso do meu texto) pegaram temas que não eram polêmicos, não tinham dois pontos de vista. [...] A professora corrigiu, fez quatro horários de atendimento, foi atendendo cada aluno e teve gente até que mudou o tema. Essa presença dela com o aluno foi uma coisa que fez a gente aprender muito. [...]”

Escrevi o texto ‘O santuário ecológico teme a chegada do progresso’, em que comecei a discutir sobre a criação do porto aqui na cidade. Só que aí vêm as questões ambientais contra as questões da economia. O clássico. Ao mesmo tempo em que tem gente da região querendo, tem gente não querendo. Porque alguns falam sobre a questão ambiental, mas outros pensam que, na verdade, como aquela área já tinha sido afetada e já afetou a parte econômica, muitos moradores queriam que o porto chegasse para abrir a questão do emprego. Fui por reportagens, comecei a pesquisar, quando chegou o artigo de opinião para a gente fazer, comecei a pesquisar sobre o que eu poderia falar. Fui discutindo com a professora Adriana e procurando mais informações. [...] Acho que li todos os jornais que tinha sobre o portuário, vi notícias no

YouTube. Se na notícia tinha uma fala do morador, eu ia anotando. Fui pegando uns trechos principais sobre cada notícia que eu lia, cada opinião, e deixava no cantinho. Quando comecei a construir, peguei como base um texto que já participou da Olimpíada, chamado ‘Cana versus Mecanização’. Peguei outros textos da Olimpíada que eu mesma pesquisei. Fui fazendo várias abas no *notebook*, fui montando a minha forma.”

Gostinho da vitória

“Quando fiz documentário [em 2019], a gente falou sobre a parte quilombola de São Matheus. Conseguimos fazer uma entrevista, ir lá, filmar tudo, a igreja, o local... então foi uma experiência bem diferente, de conhecer cara a cara uma pessoa experiente, ela cozinhar na nossa frente. Foi outra emoção. No *on-line*, a gente teve que pesquisar só em jornais, não pode ir no local, no caso, o porto, na região de Urussuquara, que foi sobre onde escrevi, não pode ouvir os próprios moradores... É muito diferente. Mas a gente crescer dentro da 7ª Olimpíada, fez o povo ficar animado. Na Etapa Semifinal, muita gente participou mesmo. A gente pensou que iam ser uns encontros chatos e foi uma coisa que acrescentou muito, conhecendo gente de outros lugares. Foi uma experiência diferente. Foi aí que a sala começou a animar: ‘Ai, a gente tá conseguindo conquistar. Só de a gente ter conseguido passar da etapa municipal, a gente já ficou feliz, que a gente não esperava. [...] Lembro-me que a Adriana mandou mensagem no grupo avisando e soubemos que íamos para a Etapa Estadual. A nossa esperança mesmo era viajar, só que como a pandemia não passou, a gente já estava assim: ‘Nossa, a gente está conseguindo conquistar alguma coisa!!!’ Porque é muito difícil para conseguir algo na Olimpíada. É muita gente participando. Quando a gente foi para a Etapa Semifinal, ficou todo mundo: ‘Meu Deus, não acredito que a gente está na Semifinal!!!’. Foi aí que a gente pediu ‘Bora participar!’.”

Na hora que saiu o resultado da Semifinal estava todo mundo no YouTube e no WhatsApp. A gente ganhou! A gente conseguiu! Então essa experiência veio para animar a gente. Animar a estudar. Pra ver que vale a pena. Vale a pena estudar, pesquisar, dar seu ponto de vista. Até mesmo no dia a dia, quando você precisa ouvir o ponto de vista do outro e defender o seu sem que os dois se batam. Então, o artigo de opinião também serve para isso. Você vê uma opinião diferente, tem que escrever sobre ela, mas também tem que escrever sobre a sua com argumentação.”



Uma volta olímpica em 20 vozes

Mayara Almeida Liberino Tavares da Silva

EC Monjolo, Brasília (DF)

Convit(d)e à(a) poesia

“[...] Tão prontamente o professor e poeta Antonio Victor aceitou nosso convite, tivemos uma aula muito especial com a participação de todos os professores, direção e servidores da escola. Estávamos com a sala virtual cheia. De forma espontânea a entrevista foi acontecendo. [...] A estudante Sabrina Santos, como se já sentisse



dentro de si uma alma poeta, indagou: “Como você soube que gostava de poesia?”. A admiração pela expressão poética! O autor teve essa experiência através da convivência com pessoas mais velhas que falavam “de um jeito diferente”. Contou que em uma tarde estava

ameaçando de chuva com clarões dos relâmpagos e barulhos de trovões e ouviu um velho tio dizer: “Os relâmpagos estão a nos fotografar”. Isso era encantador! Admirava essa maneira poética de se expressar, linguagens figuradas. Até as crianças sentiram, naquele momento, essa beleza! Começaram a abrir os olhos para a poesia, despertaram o interesse por essa linguagem.

Richardson Farias Gonçalves

Escola Nossa Senhora do Livramento, Barreirinha (AM)

Vivência enriquecedora

“Foi proposto aos estudantes que fizessem um passeio por onde moram e identificassem quais lugares poderiam servir de inspiração para esses poetas. Foram visitados o porto da comunidade, a frente da igreja que fica à beira do lago que banha o



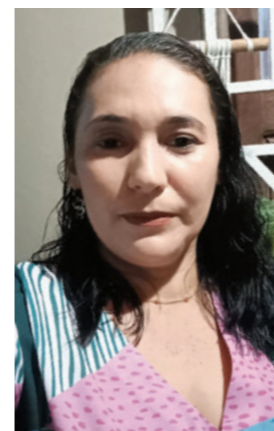
local, o porto de um morador que o construiu em forma de trapiche, o campo de futebol, a quadra poliesportiva etc. O desafio de descrever esses lugares, em forma de poesia, foi lançado a eles. Isso posto, restava agora esperar e analisar quais elementos ainda precisariam ser reparados. Para surpresa do professor, foram entregues poesias com melhora significativa em relação aos primeiros poemas.

Fernanda Valeska Mendes da Silva

EMEF Professora Cícera Lima do Nascimento, Polo V, Igarapé-Açu (PA)

Na coletividade, constroem-se versos e rimas do meu lugar

“Resolvi, primeiramente, investigar o que minhas crianças e suas famílias sabiam sobre o gênero Poema. Como a pandemia limitou a pesquisa de campo, decidi que essa investigação seria feita



no espaço domiciliar. Propus uma entrevista e o resultado foi muito legal, pois revelou um cenário diverso. O que mais me chamou a atenção foram as memórias de uma cultura oral rica, presente, em especial, nos lares em que os avós foram entrevistados. Esse era o gancho que precisava para trabalhar as quadras populares. Pedi a eles para que ampliassem a pesquisa e montassem um varal, o qual deveria ficar exposto no cantinho da casa que eles utilizavam para estudar. Em seguida, pedi que escolhessem a quadrinha de que mais gostaram para fazer um pequeno vídeo declamando-a. Essas gravações fizeram o maior sucesso entre eles. Realizamos um pequeno sarau virtual, em que cada um publicou seu audiovisual no WhatsApp.

Nota: visando a preservação de sentido nos trechos — aqui destacados de seu contexto original — e a sua adequação ao espaço delimitado da revista, pequenos ajustes de edição foram realizados.

Passeio por relatos de prática vencedores

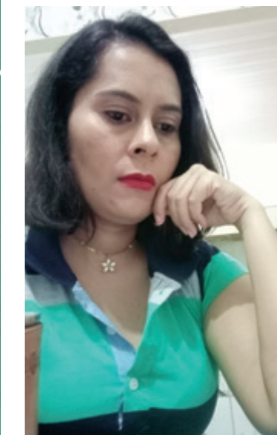
Aqui estão trechos dos quatro relatos de prática vencedores escritos por professores(as) que trabalharam o gênero **POEMA**. Ao longo da revista, você encontra também saborosos trechos de professores(as) que trabalharam os gêneros Documentário (pp. 18 e 19), Crônica (pp. 44 e 45), Memórias Literárias (pp. 54 e 55) e Artigo de Opinião (pp. 64 e 65).

Rosana Maria Lopes

EM Juscelino K. de Oliveira, Cezarina (GO)

Música e poesia: narrativas de pensamentos/reflexões e recriação de novos saberes

“Ao observar a relevância da música como elo motivador da escrita, busquei incorporá-la no meu planejamento, trazendo a cultura de nossa região. Durante as aulas no Meet, compartilhava a tela com as crianças e assistíamos aos vídeos no YouTube. [...]



Elas já estavam familiarizadas com a melodia da canção sertaneja, com o ritmo das batidas das mãos e dos pés do catira. Eu já sabia a importância da leitura utilizando a cadência. Mas, nesse momento, eu sentia falta da ousadia e da criatividade no momento da escrita.

Assim, trouxe a “Batalha de Rap” e o “Repente”, ambos trabalham a rima de forma bem-humorada, e tratam em seu contexto de situações em que se deve tomar partido por um dos lados da disputa. O Rap, bem popular no Brasil, e o Repente, bem característico da região Nordeste, foram recursos que envolviam a música, a rima, a escrita e a criatividade da criança no momento da construção do poema.

Ana **Carolina** de Souza **Silva** (Carolina de Souza) e **Jakeline** Pereira Nunes

realizaram, juntas, a formação dos estudantes que estavam na categoria Crônica durante o Encontro de Semifinalistas da 7ª edição da Olimpíada. Carolina de Souza é graduada em Letras, Português do Brasil como segunda Língua pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Linguística (UnB) e doutoranda em Linguística (UnB). É educadora, escritora, pensadora e ativista. Jakeline Nunes é bacharela e mestra em Estudos da Tradução pela Universidade de Brasília (UnB) e licenciada em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação Albert Einstein. É professora de língua portuguesa como língua adicional e ativista.

Sankofa visita minha janela

“

Eu tenho 31 anos e moro em Ceilândia (DF). Sou uma mulher negra que cresceu e se formou em contexto de periferia. Sendo o fruto de muita peleja, sou também a primeira pessoa a ser intitulada Doutora em minha família. Posso dizer que a educação sempre me salvou e possibilitou que eu contrariasse os dados vinculados às pessoas negras e pobres de nosso país. Além disso, sou também escritora, e procuro inserir os contextos de minha trajetória e das pessoas ao meu redor em meus escritos. Daqui da capital, do interior de minha casa, através da tela de meu computador, conheci adolescentes de todo o Brasil. Conheci possibilidades de mudança, de futuro, de conhecimento. Daqui também compartilho essa vivência.

Carolina de Souza



“

Do outro lado da tela e do outro lado do mundo, na China, onde vivo, eu, com 31 anos, lancei-me nesta jornada, que é a Olimpíada de Língua Portuguesa. Sou natural de Brasília (DF) e vivi até os meus 24 anos no entorno da capital, em Valparaíso de Goiás (GO). Para mim, é impossível falar sobre qualquer experiência enquanto formadora sem mencionar minha origem, pendular, entre o centro e a periferia do entorno. Se hoje minha ocupação principal é ser professora em uma instituição de nível superior chinesa, a Universidade de Estudos Estrangeiros de Sichuan, isso só foi possível porque diversos caminhos foram trilhados de forma criativa para ir contra as estatísticas tradicionais para mulheres negras e periféricas do nosso país.

Jakeline Nunes

Nós, Carol e Jake, fomos formadoras de estudantes na 7ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa pela primeira vez. Foram quatro dias de encontros e partilhas com estudantes que concorriam à categoria Crônica. A nossa turma era composta por pessoas de todo o canto do país. As regiões foram contempladas pelos Estados da Paraíba, do Espírito Santo, do Mato Grosso do Sul, do Rio Grande do Sul, do Amazonas, entre outros, além de nossas presenças no centro do país (DF) e fora dele (China). Nossos semifinalistas, estudantes de escolas públicas e em torno dos 13 anos.



Os nossos encontros se deram ao vivo, por meio da plataforma Google Meet, e por meio de diversas atividades no ambiente virtual de aprendizagem (AVA). Antes mesmo do nosso primeiro contato com a turma, nossos semifinalistas utilizaram o AVA, intermediados por criativos bilhetes orientadores. Eles postaram seus perfis virtuais com informações sobre seus interesses e seus locais de origem e puderam interagir a partir de fóruns, discutindo, por exemplo, o que mais lhes chamou atenção após as leituras dos perfis de seus colegas. Destacamos a intervenção de Eduarda Neves de Souza, de Bacabal (MA), que escreveu: “Iremos ficar todos esses dias juntos, então é crucial mantermos o respeito”. Chamou-nos a atenção esse posicionamento de liderança em prol do bem-estar de todos os interagentes nos fóruns, que se ampliaria às interações síncronas. O estudante Gabriel Figueiredo da Matta, de Anchieta (ES) falou: “Eu me vi refletido nos olhos verdes da minha colega”. A sensibilidade para a relevância do “olhar” desse estudante ampliou as possibilidades de conectar suas percepções com a nossa visada didática-pedagógica, já que a primeira atividade da sequência didática proposta pela equipe da Olimpíada provinha da exploração do poema “Olhos parados”, de Manoel de Barros (in: *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2013). Mal sabíamos que nos seria tão oportunizado visitar realidades com novas perspectivas.

Então, no dia 13 de outubro de 2021, tivemos nosso primeiro encontro via Google Meet. Naquela altura, já tínhamos verificado o perfil de nossos(as) estudantes, lendo um a um o que demarcavam como parte de sua personalidade, de seu lugar no mundo. Em diálogo, ao questionarmos sobre suas atividades cotidianas favoritas, uma de nossas estudantes, Ana Cristina Batista de Oliveira, de Careiro da Várzea (AM), respondia: “pular na água”. Perguntávamos: o que ela quer dizer com isso? Ela já havia expressado isso em seu perfil e, em uma reunião que fizemos dias antes, não encontrávamos resposta. Por três dias, ela continuou a nos dizer que uma atividade que a deixava feliz era pular na água. Até que, no penúltimo dia de reunião (16 de outubro

de 2021), ela nos explicou que morava em frente ao Rio Amazonas e que, por suas águas, ia à escola e brincava com seus amigos. Ela se relacionava com o Rio diariamente. Aque-la sua afirmação – pular na água –, então, passou a fazer todo o sentido. Por dias buscamos encontrar sentidos nas palavras que descreviam o lugar de partida das e dos estudantes. No momento em que, finalmente, experimentamos a completa compreensão do espaço de Ana Cristina, pudemos perceber que as palavras revelam pontos de vista que são influenciados também pelas nossas origens geográficas.

Diante dos dias que se passaram, nada nos tocou tanto como a atividade que propunha escrever uma “legenda crônica”. Com ela, fomos encaminhadas à reflexão central deste relato: assim como propõe o símbolo africano Sankofa (melhor explicitado adiante), continuamos à frente pensando nos passos que vêm antes de nós.



A atividade de produção da legenda propunha que os estudantes tirassem uma fotografia de suas janelas e a legendassem. Aqui, da tela de nossos computadores, acompanhamos meninos e meninas compartilharem suas impressões sobre o mundo, sobre seus lugares, sobre a vista de suas janelas. A essa altura, já estavam conscientes do sentido conceitual da crônica, e pudemos comprovar isso ao verificarmos os resultados do processo. Foi de espetacular primor ler as legendas propostas, tamanha a afetuosa redação de nossos estudantes. O desafio maior que identificamos foi o de que fossem capazes de “parar seus olhares” a fim de uma perspectiva extraordinária, ou seja, era preciso olhar para suas janelas de modo menos corriqueiro e procurar no registro fotográfico o além-óbvio.

No AVA, havia um mural do Padlet (uma ferramenta digital para construção de murais virtuais colaborativos) em que eles deveriam postar suas imagens seguidas de uma legenda. Periferias, zonas rurais, interiores, litorais. De tudo

um pouco visitamos. Ana Cristina fotografou sua janela, e nela víamos o Rio Amazonas. Ela afirmou: “Antes tinha água, hoje não tem mais! Mas em breve terá”. Parece que, com simplicidade, essa jovem expressa tão bem o ciclo do rio. Mais do que isso, ela mostra otimismo em saber que o rio novamente se reconstituirá. Isso só é possível quando esperamos o seu tempo. Ailton Krenak, palestrante para professores semifinalistas do gênero Poema da 7ª edição da Olimpíada, liderança dos povos Krenak, filósofo, ambientalista e escritor, representa muito bem essa reflexão que apontamos em *O amanhã não está à venda* (Companhia das Letras, 2020). Diante da possibilidade da morte do Rio Doce (ES), ele certa vez deu uma alternativa de recuperação: “A minha sugestão é muito difícil de colocar em prática. Pois teríamos de parar todas as atividades humanas que incidem sobre o corpo do rio, a cem quilômetros nas margens direita e esquerda, até que ele voltasse a ter vida”. Diante dessa afirmação, ele foi questionado, pois aquilo seria impossível, uma vez que o mundo não poderia parar. E o mundo parou na pandemia. Um choque para todos nós, que fomos convidados a revisitar nossas práticas.



O conceito de Adinkra Sankofa, ícone africano, nos orienta a construir o futuro olhando para o passado. O símbolo é retratado pela imagem de um pássaro que tem os pés fincados no chão e o pescoço voltado para trás, segurando um ovo no bico. O ovo representa o passado, simbolizando que, embora o pássaro voe adiante, para o futuro, não se esquece do que foi.

Quando nos inspiramos em Sankofa, nos questionamos: o que nossos ancestrais deixam de experiências possíveis para termos um futuro? Em todo instante, sentimos que a pandemia nos fez revisitar o passado, imaginando o que éramos e como poderíamos ser, caso o vírus nunca estivesse aqui. Embora não seja possível “voltar ao normal”, como a

todo momento a mídia tem sugerido, acreditamos que há ensinamentos ancestrais que nos permitem criar possibilidades de futuros mais sustentáveis e igualitários. Os semifinalistas que compunham nossa turma nos ajudaram nessa tarefa e, como consequência, somos guiadas a perceber a importância da simplicidade, da vivência com o natural. Essa integridade em reconhecer-se no todo, que é a natureza, foi despertada pelas palavras (ditas e escritas) dos jovens que nos acompanharam nesse trajeto. Uma de nossas estudantes (Eduarda) ampliou o ambiente de sua janela para incluir uma foto sua acompanhada da mãe em um parque de diversões. Na legenda, ela escreveu sobre a novidade que fica temporariamente na cidade: “O parque de diversões, uma alegria quando chega na cidade. Não demora muito, mas, quando vem, o tempo é suficiente”. Tempo suficiente. Uma afirmação trivial que evoca infindáveis possibilidades, sobretudo no campo da sabedoria em observar a vida e seus encantos, em um mundo que dita limitações, até para o bem-estar, constantemente.



Embora o contato virtual com estudantes de diferentes partes do Brasil nos limite na proximidade, consideramos que expandiu a sensação de estar à vontade, afinal, havia estudantes acessando os encontros virtuais de casa, da escola, da igreja. Era nítida a habilidade para descrever os percursos da travessia que eles próprios queriam construir. Para isso, se mostraram conscientes de sua voz e do poder da escrita de suas palavras na história, o que ficou evidente na fala de Helena Maciel Araújo, de Santo Antônio das Missões (RS), ao afirmar que “as palavras de um escritor nunca morrem”.

Parar o olhar. Aproveitar o tempo. Ressignificar a vida. A pandemia deixa essas ensinanças aos que estão atentos. Nossos semifinalistas, embora ainda muito jovens, foram capazes de captar essas mensagens e, mais do que isso, nos ensinar. E nada podemos sozinhos; apenas com o coletivo, por ele e para ele que temos possibilidades de futuro.

Do lugar do **(RE)VIVER A FELICIDADE,** a reflexão de uma coordenadora

Patrícia Calheta foi responsável pela coordenação dos(as) formadores(as) de professores(as) e dos formadores(as) de estudantes na 7ª edição da Olimpíada. O trabalho com os(as) formadores(as) de estudantes foi compartilhado com sua parceira Shirlei Marly Alves, que também colaborou com este volume da revista (pp. 42-43). Patrícia já atuou em outras edições da Olimpíada como formadora do Programa Escrevendo o Futuro e coordenadora pedagógica de mediadores(as) do curso virtual "Sequência Didática: aprendendo por meio de resenhas". É mestre em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), especialista em Ensino de Língua Mediado pelo Computador pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e em Gestão Escolar pelo Senac-SP.

É preciso arrumar o peito,
Preservar o jeito de ser feliz.
Difundir o amor que dá rumo à vida,
e plantar no coração do homem
felicidades sem desespero.

Geni Guimarães. "Reforma",
in: *Poemas do regresso*. Rio de Janeiro:
Malê, 2020, pp. 27-28.



As semifinais da Olimpíada de Língua Portuguesa sempre foram um momento particularmente feliz e inspirador na minha jornada como colaboradora do Programa Escrevendo o Futuro.

As oportunidades de me ver diante de tantos professores, professoras e estudantes, podendo trocar saberes, olhares, sorrisos e carinhosos abraços; de sentar pertinho na hora do café da manhã, do almoço ou do jantar ou, ainda, de prosear nos intervalos de cada encontro formativo ou mesmo durante os passeios culturais (para além do inigualável aprendizado como formadora em grupos de docentes semifinalistas de diferentes categorias, em distintas edições), sempre foram vividas com grande dedicação, alegria e celebração.

Diante do cenário de 2021, parecia impossível aventar a realização da 7ª edição da Olimpíada. No início do ano, ao ser chamada para as reuniões virtuais de planejamento de textos para o Portal e webinários, senti-me rapidamente capturada pelo entusiasmo de toda a equipe. Não poderíamos deixar de caminhar ao lado das escolas diante de um cenário tão atípico; ao contrário, tínhamos de reverenciar o protagonismo de nossos(as) professores(as) olímpicos(as), incansáveis no exercício de apostar na aprendizagem de seus(suas) estudantes. Então, dito de outro modo, era hora de escutar Geni: "É preciso arrumar o peito / Preservar o jeito de ser feliz".

Das numerosas perguntas, dúvidas e inquietações, aos poucos, foram surgindo desenhos e contornos mais precisos do percurso a ser trilhado. Permanecia a intrigante pergunta sobre como fazer acontecer o abraço tão característico do nosso modo de estar com o outro nas ações

do Programa Escrevendo o Futuro e, particularmente, na celebração de cada Olimpíada. Entendo que, como tudo que acontece no Programa, fomos construindo coletivamente a possibilidade de fazer chegar o abraço a cada um, a cada uma que integrou as semifinais.

Assim, convicta de que poderíamos (con)seguir, aceitei o honroso convite para a coordenação pedagógica de formadores(as) de professores(as) e de parte das equipes de formadores(as) de estudantes – essa última, compartilhada com a competente Shirlei Marly Alves, docente integrante da rede de ancoragem¹ do Piauí.

Estar com o outro no contexto virtual foi, sem dúvida, um dos mais importantes desafios para todos(as), e eu, como coordenadora pedagógica, não escapei desse enfrentamento. Não apenas porque tinha o compromisso com a formação e o acompanhamento das equipes do ponto de vista do conteúdo de cada semifinal (nos encontros síncronos e nas atividades assíncronas), mas, sobretudo, porque precisava mostrar para e convocar em cada formador(a) o calor, o encontro, o laço, o abraço e a partilha possíveis pela tela.

Mais uma vez, a voz de Geni me conduzia ao mais precioso enfoque; o de "Difundir o amor que dá rumo à vida". Afinal, para mim, é disso que se trata: do amor à língua, do amor ao despertar e aprimorar do conhecimento e do amor às pessoas genuinamente entregues aos movimentos de ensinar e aprender, em meio a um cenário de dificuldades, isolamento, privações, dores e perdas.

Nessa tentativa, recorri a estratégias que corroboraram o processo de formação em meus contatos com as equipes, tais como: nas discussões firmadas no fórum de formadores,

1. A Rede de Ancoragem é composta por um representante da UNDIME (indicado pela Secretaria Municipal de Educação), um representante do CONSED (indicado pela Secretaria Estadual de Educação), e um docente de universidade federal ou estadual em cada Unidade Federativa e no Distrito Federal, totalizando 80 membros. Essa rede tem papel essencial nas parcerias com Estados e municípios, tanto nas ações formativas quanto no concurso, constituindo um braço do Programa nas secretarias de Educação, bem como nas universidades públicas, facilitando assim a comunicação, a mobilização e a difusão das ações do Programa.

diante de questões recorrentes observadas nas turmas; na apreciação de sínteses dos fóruns no AVA ou mesmo em pontos essenciais da reflexão com estudantes e docentes que ganhavam densidade e aprofundamento pela socialização da voz dos(as) formadores(as); prosas com as duplas e com cada formador(a) antes do início de cada encontro síncrono e após minhas observações nas salas do Google Meet; devolutivas escritas para cada dupla e para cada formador(a), com pontos de destaque e, quando necessário, pedidos de ajuste de rota; conversas pelo WhatsApp para o tratamento de questões mais delicadas na dinâmica das duplas ou no acompanhamento da turma de docentes; e, ainda, constantes partilhas com toda a equipe de coordenação.

Sob efeito da vivência de todo o processo, amplamente marcado pelo diálogo e pela colaboração, entendo que escolhi apostar, de mãos dadas com cada formador(a), no “esperançar” e na “boniteza” implicados no ensinar e no aprender, como destaca Paulo Freire, somados ao “plantar no coração do homem / felicidades sem desespero”, tal como anuncia Geni Guimarães.

Os efeitos dessa aposta coletiva estão espalhados por todos os cantinhos do AVA e registrados por uma multiplicidade de linguagens. Aqui, são tomados como indícios de contribuições, tanto para formadores(as) nos grupos de professores(as) e estudantes quanto para os próprios docentes e suas turmas.

A amostra da voz de **formadores(as) de estudantes** que integraram diferentes semifinais nessa 7ª edição evidencia, entre outras belezas, o olhar reflexivo para a realidade educacional do país, a abrangência e a relevância da experiência e, ainda, as potencialidades no dizer dos(as) estudantes:

“ Ainda estou cheia de emoção, porque percebi que aqui no Sudeste há dificuldades, mas pode ser, infelizmente, bem pior. E olha que trabalho numa escola rural! Deu para ver a pobreza doer, a falta de recursos, as escolas tão precárias. [...] Entretanto, como a experiência para mim também foi renovação, continuarei crendo que apesar das limitações, mesmo que de forma injusta, o florescer pode vir. Prova disso é estudantes chegarem até aqui junto com seus professores!”

Gleiciane Rocha, de Barra Mansa (RJ)

“ Em resumo, fica a alegria em saber que plantamos sementes! Temos a certeza de que excelentes frutos vão surgir, pois o contato com esses jovens nos fez perceber que, apesar do contexto social vigente, ainda temos inúmeras possibilidades pela frente, todas regadas com muita determinação, perseverança e afeto.”

Cátia Maringolo, de São Paulo (SP)

“ Presenciamos saudades de avôs, da família, o reconhecimento da boa e velha amizade, a cumplicidade com o ‘melhor amigo do homem’, a gratidão à vida, com seus sabores e desafios... Crescemos e nos tornamos melhores, construindo saberes, conhecendo novas pessoas e nos identificando nelas e nos ressignificando. O que construímos e passamos ficará eterno em nossa estrada da vida.”

Luísa Bethônico, de Salvador (BA)

Tomando como referência os dizeres de nossos **formadores(as) de professores(as)**, as contribuições voltam-se, essencialmente, ao cuidadoso olhar analítico de duas formadoras para os ganhos da experiência diante de numerosos desafios e as consequentes conquistas de quem “ensina aprendendo”:

“ Durante a formação, a turma toda evidenciou uma ressignificação pessoal e profissional. Foram dias de reflexão sobre si mesmos, sobre sua prática pedagógica e sobre o registro escrito por meio do relato de prática. Foi perceptível a ampliação dos dizeres e saberes da turma, especialmente no que tange ao relato de prática, concebendo-o não apenas como um gênero descritivo, mas carregado de sentimentos que possam suscitar emoções que inspirem os colegas-leitores. [...] As trocas de experiências, os relatos de trabalhos desenvolvidos em diversas escolas das diferentes regiões do país, as histórias distintas, mas que se assemelham na dedicação e no amor com que foram construídas constituem-se em dados riquíssimos para meu trabalho como formadora de professores na graduação e na pós-graduação em Letras.”

Márcia Ohuschi, de Belém (PA)

“ Trabalhar com a Olimpíada é compreender porque se faz educação, é saber que língua é poder, é empoderar nossos meninos e meninas, a partir do domínio da palavra, é construir pontes para a transformação que tanto desejamos. Participar da Olimpíada é também saber que muitos serão os desafios impostos pelo trabalho minucioso – e tão necessário – de aprimoramento textual, e na condição de trabalho desenvolvido remotamente é revelador se deparar com o protagonismo dos nossos estudantes, suas histórias e potencialidades. Cada narrativa que ouvimos e lemos revelada nesses dias de oficina é repleta da experiência e do saber da própria prática docente, reflete a crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer.”

Maria José Pereira de Jesus Silva,
de Ribeira do Pombal (BA)

Como coordenadora pedagógica de formadores(as), passados os encontros, sinto renovada minha esperança na Educação, na escola pública e em seus múltiplos atores e, finalmente, na potência dos encontros virtuais – qualificados, afetivos, reflexivos e propositivos – como espaços e tempos de escuta, de acolhimento, de valorização e de ampliação de vínculos com as pessoas, suas histórias e seus saberes. No final, revivi a felicidade dos encontros presenciais e, seguramente, fui abraçada muito mais do que abracei!

Na 7ª edição da Olimpíada, **Shirlei Marly Alves** compartilhou a coordenação de formadores e formadoras de estudantes ao lado da parceira Patrícia Calheta, que também colaborou nesta edição da revista (pp. 38-41). Faz parte da rede de ancoragem da Olimpíada no Estado do Piauí. Estudante de escolas públicas durante toda a infância e adolescência, Shirlei atuou como professora de Português na Educação Básica por doze anos. É especialista em Educação a Distância pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com pesquisa sobre discurso e trabalho do tutor da educação a distância.

Ressignificando a formação no aprender pela experiência

Entusiasmo e certa inquietação foram as emoções que experimentei ao ouvir o convite da Patrícia Calheta para trabalharmos juntas na coordenação dos formadores que atuariam nos Encontros de Estudantes Semifinalistas da Olimpíada de Língua Portuguesa, em sua 7ª edição. O desafio de ir além de minha atividade como docente formadora, que já exerço há onze anos, também me alvoroçou o ânimo, por ver ali mais uma oportunidade de aprender, de experimentar, de sorver, nos encontros e nas parcerias, os aprendizados que só um estar junto denso e intenso possibilita acontecer.

Estava ali a inquietação típica dos momentos de encarar “a primeira vez”, pois, mesmo já tendo conduzido várias formações de professores, tanto no contexto da Olimpíada quanto no âmbito acadêmico, o desafio na coordenação de formadores trazia componente inusitado: orientar, pactuar, estabelecer parcerias para desenvolverem uma atividade que ocorreria totalmente a distância, envolvendo crianças, adolescentes e jovens, do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio. Importante destacar que, com as alterações promovidas no concurso de textos, também se reconfigurou a formação dos estudantes, antes restrita aos autores dos textos selecionados na Etapa Estadual. Agora, ampliada para o conjunto de estudantes vinculado aos professores semifinalistas.



Nesse novo cenário formativo, cabia-me, como coordenadora (em parceria com a querida Patrícia Calheta), realizar a formação pedagógica de 20 formadores e acompanhar suas atividades com os estudantes, atuando, sobretudo, como uma interlocutora constante, para que, no transcurso da formação dos estudantes, também continuasse a formação dos formadores. Por isso, em lugar de “formação dos estudantes”, preferimos nomear de “formação com os estudantes” tudo o que foi realizado nas cinco semanas de atividades, concretizando um dos pensamentos luminares de Paulo Freire de que, ao formar, o formador também se forma.

Nesse sentido, investimos no “movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”, ainda na trilha dos direcionamentos freirianos, incentivando os profissionais a investir em uma ação formativa na qual a descrição dos encontros com os estudantes, a informação sobre os pactos estabelecidos nas duplas de formadores, a reflexão e a partilha de experiências alimentassem um diálogo pensado como uma relação de construção de saberes, como orienta o mestre Paulo Freire.

Era importante garantir um engajamento multidimensional, o qual precisaria ser, antes de tudo, ancorado na parceria, na empatia, no afeto, de modo que, assim como os coordenadores pedagógicos e técnicos, eu e Patrícia, também os formadores – envolvidos pelo que carinhosamente chamamos de “espírito olímpico” – percebessem a importância de propiciar um ambiente acolhedor e estimulante para os estudantes, com quem estariam juntos em cada ambiente virtual¹.

Diante desse novo contexto, em que o apoio, a confiança e a garantia de que todos estaríamos juntos e solidários, aos

poucos, fui também me ressitando como formadora, principalmente no que diz respeito a algumas convicções relativas aos modos de formar. Refletindo sobre a envergadura da proposta – uma formação para estudantes de todo o Brasil, no meio de tantas adversidades e atropelos trazidos pela pandemia da Covid-19 –, percebi que era preciso aceitar os riscos, apostar na comunhão de esforços e, sobretudo, não duvidar do poder que emana de pessoas motivadas e engajadas num projeto em que acreditam. Com essa perspectiva, percebi que a melhor estratégia na coordenação seria fortalecer a convicção de que no diálogo diário, compartilhando os aprendizados, as experiências, os achados, as intuições, poderíamos fazer um percurso calcado no apoio mútuo, garantindo menos tensão e mais possibilidade de darmos fluidez aos impasses inevitáveis quando se trabalha a distância, em ambientes virtuais, principalmente aqueles relacionados ao acesso dos estudantes aos videoencontros.

Em nossos encontros com formadores e formadoras, nos contatos pelos fóruns, durante os dois meses de atividades com estudantes de todo o Brasil, assim como na convivência dos encontros virtuais, a partilha de saberes e vivências foi a marca indelével da formação, concretizada em uma experiência altamente significativa para todos, nos tocando e transformando nossa cognição, nossa sensibilidade e nossa visão de mundo. Traduzem bem tudo isso as luminares palavras de Jorge Larrosa Bondia²:

“O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião.”

1. Google Meet para os encontros síncronos e Moodle para as atividades assíncronas.

2. Professor titular de Filosofia da Educação da Universidade de Barcelona, Espanha, quando participou do I Seminário Internacional de Educação de Campinas. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxX>>.

Uma volta olímpica em 20 vozes

Francisco de Assis da Silva Jr.

EM José Adelaide de Carvalho, Icó (CE)

Aula em casa – conectando vidas, pessoas e lugares

“Nessa aula, chamada de ‘Entre fatos e fotos’, nós começamos a estudar, debater e discutir sobre fatos históricos e culturais e as mudanças que ocorrem no município de Icó e seus distritos, que é o lugar onde a maioria dos estudantes da turma nasceu e vive até hoje. Por meio de videoaula, tiveram acesso a fotos antigas e atuais do município; além disso, discutimos questões sobre o regionalismo sertanejo,

a simbologia nordestina e as vivências desses estudantes e seus familiares nos distritos e sítios em que moram. Para a atividade prática dessa aula, eu propus que os estudantes, individualmente, com um celular na mão, saíssem em busca de fotos instigantes, cenas da cidade, fatos do dia

a dia, situações diversas. Pedi a eles imagens que retratassem o cotidiano deles e das pessoas que vivem nas comunidades em que moram. Depois, essas imagens foram registradas em um ambiente virtual chamado Padlet e, em conjunto, a turma criou um mural virtual com esses registros.



Jussara Biazotto

EM Viver e Conhecer, Capinzal (SC)

O cringe pode ser massa!

“Fizemos a seleção dos textos, e fomos bem ecléticas: caprichamos não só nos escritores consagrados, mas também nos pequenos escritores, pois pegamos vários textos de estudantes finalistas e semifinalistas de edições anteriores da Olimpíada. Cheguei à sala com um arsenal: pasta com as fichas de leitura, borrifadores de álcool e um fardo de papel toalha. Nesse momento, os olhares que recebi mostravam-me a vontade dos estudantes em fazer um meme daquela situação. Quem sabe uma foto



minha com um borrifador de álcool na mão e uma frase do tipo ‘Corona, saia deste texto!’? Brincadeiras à parte, a aula foi um sucesso. Logo de cara eles se apaixonaram pelo nosso vizinho gaúcho Luis Fernando Verissimo. Seu tom humorístico foi

contagante e a ficha da crônica ‘Aprenda a chamar a polícia’, se fosse gente, teria ficado tonta com tantos borrifos de álcool, pois pousou em todas as carteiras e provocou muitos risos e comentários por onde passou. ‘Professora, esse ‘tchô’ é muito bom!’ Tchô?, para quem não é íntimo do vocabulário do Meio-Oeste de Santa Catarina, significa homem, sujeito.

Passeio por relatos de prática vencedores

Aqui estão trechos dos quatro relatos de prática vencedores escritos por professores(as) que trabalharam o gênero **CRÔNICA**. Ao longo da revista, você encontra também saborosos trechos de professores(as) que trabalharam os gêneros Documentário (pp. 18 e 19), Poema (pp. 30 e 31), Memórias Literárias (pp. 54 e 55) e Artigo de Opinião (pp. 64 e 65).

Josefa Maria Tabora do Nascimento Silva

EE Professor Irineu da Gama Paes, Macapá (AP)

Nas asas da esperança

“Sidecut ou piercing? Divididos entre essas duas opções, a escolha da maioria dos estudantes foi pelo *piercing*, na atividade em que tinha a crônica ‘Tatuagens para todos’, de Carol Bensimon, como mote para a construção do texto coletivo. Consideram ‘estiloso’ usar *piercing*, mesmo que



isso fosse mal visto por algumas pessoas na vizinhança onde moravam. Não aguentei e perguntei na mais sincera ignorância: ‘Gente, e o que é *sidecut*? Alguém pode me explicar?’. Fez-se silêncio total. Talvez indicando a perplexidade deles diante do fato de eu não saber algo que para eles era tão comum. Até que a voz segura do José me respondeu: ‘Profe, é um tipo de corte de cabelo em que se raspa só um lado. Dá pra homem, dá pra mulher, qualquer pessoa pode fazer. Só não faço porque é muito caro’. Com suas sugestões e respostas, os estudantes deixavam ideias e sentimentos expostos nesses momentos de trocas espontâneas, proporcionados pelas produções textuais coletivas.

Nota: visando a preservação de sentido nos trechos – aqui destacados de seu contexto original – e a sua adequação ao espaço delimitado da revista, pequenos ajustes de edição foram realizados.

Dayane da Costa Silva

UEF Deputado Elígio Almeida, Bacabal (MA)

Ressignificação: a metodologia para uma nova realidade

“A crônica pode surgir de qualquer fato até então visto como banal em nosso cotidiano. Não apenas observar aspectos físicos, mas a história, tradições, personagens e contextos relevantes do lugar onde vivem. Eis o desafio! Em diversas produções textuais os estudantes limitavam-se a



observar apenas os aspectos físicos de ruas e bairros da cidade. Vimos vídeos, trocamos mensagens de texto e áudio, realizamos reuniões virtuais. Tudo para melhorar a escrita dos textos. [...] Trabalhar com o modelo remoto, híbrido e tantas novas configurações e palavras para esse novo normal também é um grande desafio. Resignificação! É a palavra e, portanto, a metodologia-chave para nossa mais nova realidade. [...] Um processo de descobertas, erros e acertos, cair e levantar, onde o meu papel foi passar confiança e promover o incentivo. Facilitar a compreensão, a viagem no imaginário, a criação. O giro em volta à sua realidade seja qual ela for. Foi ser porto seguro, mesmo em meio a um momento tão delicado. Abrigo em dia de chuva. Morada e não solidão.

João Wanderley Geraldi, em uma das primeiras edições da Olimpíada, integrou a Comissão Julgadora Nacional para selecionar os textos vencedores. Também já participou de edições anteriores desta revista. Doutor em Linguística, professor aposentado da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professor visitante da Universidade do Porto. Reconhecido por seus trabalhos sobre ensino de Língua Portuguesa e análise do discurso, é autor de obras importantes como *O texto na sala de aula: leitura e produção* (Assoeste, 1984); *Portos de passagem* (WMF Martins Fontes, 2013); *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação* (Mercado de Letras, 1996); *A aula como acontecimento* (Pedro & João, 2015).

Atos de fala e a voz da sabedoria

Selecionamos aqui trechos da palestra que o professor João Wanderley Geraldi fez no Encontro de Semifinalistas para os(as) professores(as) que trabalharam o gênero Artigo de Opinião durante a 7ª Olimpíada de Língua Portuguesa.

A gênese dos gêneros discursivos

Vou partir da seguinte questão: a ideia de que na relação de interlocução com outros por meio da linguagem, nós realizamos ações. Essa teoria começa com Austin [John Langshaw Austin, Lancaster, Inglaterra, 1911-1960], um dos grandes nomes da Filosofia da Linguagem Ordinária, na Inglaterra, mas tem o seu avanço diretamente para os estudos linguísticos, nos Estados Unidos, com John Searle e seu “Speech Acts” (“Atos de fala”). Mas a teoria só me interessa no sentido de que cada unidade de fala nossa é um ato – e ato

Em meados do século XX, a **Filosofia da Linguagem Ordinária** consistiu em um movimento que teve como pressuposto metodológico a ideia de que os problemas filosóficos tradicionais resultam de confusões conceituais. Segundo seus adeptos, os filósofos frequentemente incorrem nessas confusões por distorcer ou desconsiderar o que as palavras realmente significam na linguagem cotidiana.

Fonte: Wikipedia.

que não se realizaria senão através da linguagem. O exemplo clássico é do verbo prometer. Se eu digo: “prometo fazer ‘X’”, ao dizer que prometo fazer “X”, eu crio no mundo algo que não existia. É a minha promessa. A partir desse exemplo paradigmático – aquilo que na semântica se chama “prototípico” –, acabou-se percebendo

que toda fala realiza um conjunto de atos. Quer dizer, o homem age. O homem não é somente um sujeito submisso, mas é um sujeito que age. As ações que nos interessam aqui são muito mais do que ações enquanto atos de fala, mas sim enquanto ações discursivas que são geradas – no sentido bakhtiniano do termo de gênese – nas esferas da comunicação social. “Esferas da comunicação social” é outro termo para dizer o que na sociologia se chama de “Instituições Sociais”. Esse é o lugar de gênese dos gêneros discursivos.

Relações intergenéricas e Bakhtin

Assim como as esferas de comunicação social são interdependentes, para mim o mais importante nos gêneros não é a especificação de cada gênero, mas as relações intergenéricas que são os cruzamentos que se dão entre um gênero, produzido em uma esfera, trazido para outra esfera propositadamente ou usado como modelo para criação de outro gênero. Por isso que Mikhail Bakhtin, naquele famoso texto sobre os gêneros discursivos [cf. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997], não trabalha uma tipologia dos gêneros, mas faz uma divisão entre primários e secundários. Do meu ponto de vista, na minha leitura de Bakhtin, um gênero secundário pode ser uma junção de dois outros gêneros secundários. Um exemplo clássico: um romance epistolar tem como seus gêneros constitutivos, como seus secundários, o romance e a carta que produzem o gênero romance epistolar. A carta tem em sua gênese a conversa, principalmente a carta familiar. Então, você tem esse jogo: as ações discursivas, portanto, são da ordem dos gêneros enquanto formas composicionais e dos tipos de ações que fazemos durante um discurso, de modo que cada componente, cada ato de fala, em um discurso escrito, tem a sua textualização – e eu faço uma diferença entre texto e discurso. O discurso tem a sua materialização no texto, mas tem a sua materialidade nas esferas onde ele é produzido. Temos uma diferença entre materialização textual e materialidade: o leitor entra pela materialização textual e a sua leitura tem que chegar à materialidade do discurso. É uma caminhada ao inverso do processo de produção, e enquanto faz essa caminhada o leitor produz uma compreensão, porque ele pode deslocar um discurso de uma esfera de comunicação na qual ele aconteceu para outra esfera e, nessa outra esfera, o mesmo texto pode produzir compreensões diferentes. Todos nós professores trabalhamos com isso o tempo todo. Nós levamos para dentro da sala de aula o texto literário, que é deslocado da esfera da comunicação social literária, da “instituição literatura”, para dentro de uma atividade didática. Isso transforma um pouco o sentido do texto literário, porque produz novas compreensões.

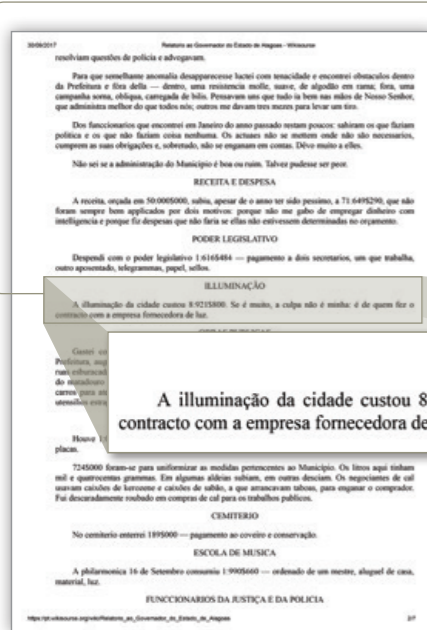


Relatório e relato de experiência

Vou fazer uma diferença entre relatório e relato de experiência. O relatório de experimento, no que se refere à referência ao mundo, busca a objetividade e, portanto, a informação nua e crua do que supostamente é a verdade. É aquilo que nós chamamos de “verdade”. É óbvio que o relatório contém o ponto de vista do sujeito que o elabora, mas ele busca uma objetividade, enquanto que o relato da experiência é da ordem da subjetividade. Um relato de experiência em que não aparece o autor, em que o autor se faz neutro, escreve em terceira pessoa, adquirindo uma distância da experiência vivida, passa a jogar com uma das características de estilo do relatório no interior de um relato, portanto ele já está mesclando. O inverso é a mesma coisa. Há um exemplo que traz claramente o estilo de relato de experiência para dentro do relatório que são os dois relatórios de Graciliano Ramos, quando foi prefeito da cidade de Palmeira dos Índios. Um escrito em 1929 e o outro escrito em 1930.



Vou tomar só um exemplinho disso para mostrar como é que essa presença se faz. Enquanto o relato de experiência é da ordem da cronologia e do tema, o relatório é da ordem do “item por item” de atividades realizadas. No relatório de 1929 tem o item “Iluminação”: “A iluminação da cidade custou oito milhões, 21 mil e oitocentos réis”. E ele diz: “Se é muito, a culpa não é minha, é de quem fez o contrato com a empresa fornecedora de luz”. Já em 1930 escreve: “A prefeitura foi intrujada quando, em 1920, aqui se firmou um contrato para o oferecimento de luz. Apesar de ser um negócio referente à claridade, julgo que assinaram aquilo às escuras. É um ‘BLUFF!’ Pagamos até a luz que a Lua nos dá.” Percebe-se a imbricação de estilos e do vocabulário: o seu modo de contar de



“relatório” ele busca no relato de experiência. No texto “Cemitério”, no relatório de 1929, ele escreve: “No cemitério enterrei cento e oitenta e nove mil réis. Pagamento ao coveiro e conservação”. No relatório de 30, ele escreve no item “Cemitério”: “Pensei em construir um novo cemitério, pois o que temos dentro em pouco será insuficiente, mas os trabalhos a que me aventurei, necessários aos vivos, não me permitiram execução de

uma obra, embora útil, prorrogável. Os mortos esperarão mais algum tempo. São os munícipes que não reclamam.” Veja, ele trata os mortos como os “munícipes que não reclamam”, então a obra de fazer um novo cemitério pode ser prorrogada, enquanto que as obras para os vivos não podem. Você tem aí o quê? Num relatório de prefeitura cujo estilo composicional que deveria ser direto, com precisão, há a presença do relato de experiência que traz a subjetividade de quem faz o “relatório”, e com muita clareza. Daí porque a verdade é que esses dois relatórios de Graciliano Ramos se tornaram

clássicos da literatura brasileira, e não da burocracia da política brasileira. Eles nunca seriam apresentados como modelo daquilo que é burocraticamente produzido. Então, no estilo: enquanto um é direto e com tentativas de precisão; o outro é impressionante. Veja a diferença entre impreciso e impressionante, que vem de impressão. As impressões do autor aparecem dentro do relato de experiência. É claro que você tem no estilo o emprego de figuras de linguagem... Ao invés de dizer que gastou tantos mil réis no cemitério, ele diz “eu enterrei”. Ele pega um item lexical que é próprio precisamente da morte e do enterro para dentro de uma esfera social onde se usaria o verbo “gastou”. Então ele pôs: “enterrei”. Ele não fala em gastar. Quer dizer que o gasto é um enterro de dinheiro.

Parecer ou lição de vida

Um relatório, normalmente, termina com um parecer, ou uma indicação de crime, do que fazer, de uma proposta ou coisa semelhante. Um relato de experiência termina tirando lições da experiência de vida. Como diz o Jorge [Larrosa Bondia]: “A minha experiência não pode ser vivida por outro. A experiência de vida é somente minha”. Eu posso compartilhar a experiência relatando coisas da experiência que nunca vai ser um completo relatório, não será “*pari passu*” [em passo igual] com o acontecimento, por isso que ela é da ordem do tema e não do item. Da experiência que você deixa para os outros como legado, a lição que você tirou, e a lição na verdade é precisamente aquilo que nós compartilhamos: “Eu aprendi tal lição dessa experiência”. Isso não quer dizer que ao fazer as mesmas coisas que eu fiz você vai ter a mesma experiência, mesmo usando os mesmos instrumentos, não vai tirar a mesma lição que eu tirei. Mas a lição que tiro é uma lição que posso compartilhar, porque o relato da experiência está na ordem não da ciência, mas da sabedoria.

Da ordem da sabedoria

Quando em meados do século XX, Walter Benjamin escreveu sobre o narrador – que tem a ver com o relato de experiência, com a história –, ele diz que a narrativa está em queda no mundo, porque a experiência não tem mais valor. Veja o quanto os povos primitivos, ou os povos contemporâneos que não entraram na cultura racionalizada da modernidade ocidental, tinham no contador de histórias o lugar da sua história e o lugar da sua sabedoria. E Benjamin chama, muito claramente, a sabedoria “de lado épico da verdade”, no sentido de que você tem o herói nessa construção; enquanto o relatório é da ordem da objetividade, do não sujeito e do não herói. E claro que desde [René] Descartes, particularmente desde o Iluminismo, a modernidade se caracterizou pela exclusão da sabedoria. Talvez o último sábio com quem eu convivi, na Universidade, dando aula juntos e tudo, foi o Paulo Freire. Se tiverem a curiosidade de ler, por exemplo: *Pedagogia da esperança*, do Paulo [Paz & Terra], vão perceber que ele dá como subtítulo à essa obra “Um reencontro com a pedagogia do oprimido”. Eu me lembro que ele foi publicado em 1992 – e em 1990 ele me disse: “Wanderley eu tenho que fazer uma revisão ao texto *Pedagogia do oprimido*. E o que é *Pedagogia da esperança* senão um relato da experiência de convívio dele com outros, a partir da leitura que outros fazem da *Pedagogia do oprimido*? Não é uma revisão dele fazendo uma autocrítica à essa obra, mas é ele tomando as críticas feitas à *Pedagogia do oprimido*, contando as histórias dos encontros com seus leitores – que são outros muitos educadores – no mundo inteiro. Não se reescreve um livro, se revisita o livro a partir dos leitores. Isso é da ordem da experiência, isso é da ordem da sabedoria; e não da ciência.

Ivoneide Bezerra de Araújo Santos-Marques é professora formadora da Rede de Ancoragem da Olimpíada desde 2008. Nesta edição do concurso, coordenou a Comissão Avaliadora dos Relatos de Prática dos(as) educadores(as) que trabalharam o gênero Artigo de Opinião ao longo da 7ª edição da Olimpíada. Ela é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) e atua também no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). É doutora em Estudos da Linguagem pela UFRN, com estágio pós-doutoral pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob a orientação da professora Angela Bustos Kleiman.

O que diz o texto do(a) professor(a) no seu relato de prática?

Naquele dia, não consegui aguardar o toque do relógio. Por aqui, o dia estava quente como de costume, mas não foi o calor que me acordou. Eu mal dormi naquela noite. O dia prometia. Antes do horário marcado, já estava diante do computador esperando (re)encontrar na tela os(as) colegas com quem eu dividiria mais uma experiência: a avaliação dos relatos de prática dos(as) professores(as) que participavam da Olimpíada 2021, trabalhando com o gênero discursivo Artigo de Opinião.

Ciente da responsabilidade que havia assumido, eu pensei algumas vezes: como devo receber os(as) colegas no primeiro dia? Mil coisas passaram pela cabeça: vou fazer uma exposição rápida sobre os critérios avaliativos para otimizar o tempo que seria bastante curto; discutir, em linhas gerais, sobre o papel do avaliador de textos na Olimpíada; esclarecer sobre a concepção de avaliação adotada etc. Que coisa mais impessoal, pensei. De repente, um *insight*. Não teria erro. Era isso. Iria recebê-los com uma dose generosa de afeto e poesia. Declamaria para eles:

“Não são caracteres desconhecidos
é a nossa escrita comum,
sem qualquer ambiguidade,
sem qualquer ornamento pessoal, manual, ideal.
Que diz o texto?”

Desde que recebi o convite para participar da comissão julgadora, não me saía da cabeça este verso do poema “Tradução”, de Cecília Meireles: “Que diz o texto?”. Era tudo que eu queria saber. A sensação de curiosidade misturada à euforia me fazia sentir o coração saltar pela boca. Era chegada a hora de decidirmos que textos seriam os finalistas.



Cada avaliador já teria lido os textos e eu também. Na condição de presidente dessa comissão, dividiria essa responsabilidade com uma representante do Cenpec; por sinal, ganhei de quebra, como se diz no lugar onde eu vivo, uma excelente parceira. Avaliei, previamente, todos os 42 textos que já haviam sido selecionados entre os melhores nas Comissões Julgadoras Estaduais de diferentes partes do país. Nossa equipe de avaliadores na Etapa Semifinal era composta por seis pessoas, além de mim e da representante do Cenpec. Contamos ainda com mais três colegas da equipe de apoio do Cenpec para as questões de ordem técnica. Embora os textos já tivessem sido avaliados previamente pela equipe de avaliadores, a escolha definitiva ocorria naqueles dois dias. Dias de intenso trabalho pela frente. Senti um frio na barriga. Mas, atuando na Olimpíada desde 2008, sua primeira edição, sentia-me preparada para a tarefa. Contudo, era preciso, além de observar os critérios esta-

belecidos para o concurso, definir estratégias metodológicas para o trabalho a ser realizado.

Partindo de outras experiências, decidimos que faríamos uma avaliação dialogada, discutindo cada um dos 42 textos, ouvindo cada profissional sobre o que ele tinha a dizer, a partir de suas anotações, análise dos materiais e registros de sua avaliação individual. Observando cada relato de prática, fomos vendo quais tinham mais condições de avançar para a fase final. Para escolher um texto, cada avaliador(a), além de ter analisado previamente, precisava justificar sua opção e apontar os pontos que destacava em cada um. Essa estratégia metodológica impõe seriedade e rigor ao trabalho avaliativo e ajudou bastante a dinamizar o processo de seleção dos semifinalistas e, depois disso, cada texto ainda foi escolhido coletivamente pela equipe. Um trabalho metódico e muito criterioso.

Nos dois dias de avaliação, esse diálogo sobre cada texto foi superprodutivo, pois a troca das experiências de leitura dos textos nos ensina a avaliar melhor, observando, comparando e refletindo sobre o que foi realizado nas oficinas, confrontando o que está registrado por escrito no relato com o que está registrado nos materiais e no álbum da turma. Penso que essa mudança, oportunizando anexar outros materiais (fotos, textos de estudantes, vídeos etc.), além do texto do professor, impôs ainda mais seriedade e rigor ao concurso. Afora o orgulho de estar contribuindo com um trabalho tão relevante para a educação do país, a sensação que sentia naquele momento era de contentamento, entusiasmo e esperança, palavra de grande valor no atual contexto de crise humanitária.

Concluimos com sucesso a seleção dos textos, inclusive os que comporiam a lista da reserva de vagas, destinada a escolas que apresentam baixo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). A meu ver, das mudanças ocorridas no concurso, essa é a mais relevante por garantir a essas escolas a oportunidade de acompanhamento e acesso à política de formação docente proporcionada pela Olimpíada.

Nesta 7ª edição, o concurso rompeu padrões e reconfigurou-se, tendo assumido um novo formato, ao se realizar totalmente *on-line*. Além disso, incluiu o gênero discursivo Relato de Prática, focando, de modo mais específico, na escrita dos(as) professores(as). Certamente, a reconfiguração do concurso e a mudança do ensino presencial para o ensino remoto implicaram alteração no desenvolvimento das atividades na sala de aula. Tudo isso instigou mais ainda meu interesse em saber o que dizem os relatos dos docentes sobre essa experiência.

A escrita dos professores e das professoras desvela valores, visões de mundo e opiniões sobre o que foi vivenciado no contexto em que trabalharam, além de vários sentimentos (medo, insegurança, angústia, tristeza, esperança e indignação). Os textos revelam o quanto têm sido resilientes, comprometidos(as) e obstinados(as) na busca pela melhoria de suas práticas pedagógicas, no enfrentamento das dificuldades que lhes são impostas. No contexto da pandemia, a Olimpíada teve um papel social importante, pois contribuiu muito para motivar os(as) estudantes e os(as) próprios(as) professores(as). Observamos em diversos relatos que o material do concurso disponibilizado no Portal Escrevendo o Futuro e os encontros de formação deram suporte ao trabalho realizado nas oficinas e nos projetos e ajudaram a manter os(as) estudantes na escola.

O trabalho da comissão fluiu muito bem. No segundo dia, houve um momento em que o grupo precisou parar, reler textos, refletir mais profundamente sobre as experiências neles relatadas para decidir se um texto deveria seguir adiante ou não. Percebemos a importância de ouvir o outro, de negociar sentidos atribuídos aos textos lidos, de confrontar parâmetros utilizados na avaliação individual anteriormente realizada, para realinhar critérios avaliativos, visando à garantia da equidade no processo. Uma passagem marcante do trabalho em equipe foi a discussão de um texto que apontava possibilidades de ensinar a argumentar para a vida. Isso me chamou a atenção por propor o

uso das práticas de letramento para agir no mundo, um ponto de partida para o trabalho com leitura e escrita como práticas sociais, algo que deve ser assumido como objetivo de ensino da língua na escola. Mas o texto dividiu a opinião do grupo por não atender a um modelo prototípico de um relato de prática, embora tivesse outros pontos positivos, tais como: originalidade, autoria e reflexão sobre a ação na narrativa da experiência, o que colocava em relevo o quanto refletir sobre a ação impacta na formação docente. No final, o texto ficou entre os escolhidos para compor a seleção da reserva de vagas. Esse episódio me fez compreender melhor o valor do diálogo em processos educativos, pude entender que “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”¹. Para o autor, diálogo é uma exigência existencial.

No processo reflexivo de pensar sobre a ação, compreendi que essa experiência foi algo singular não porque a vivi, mas pelo que nela me ocorreu, por exemplo, quando pude testar minha capacidade de dialogar e perceber que ninguém perde por abrir mão de um posicionamento assumido, quando isso favorece o agir docente numa perspectiva ética, em que o trabalho colaborativo e o pensamento coletivo se sobrepõem aos interesses e opiniões individuais. Percebo agora, com maior clareza, o valor formativo da narrativa da experiência docente quando realizada em uma perspectiva crítica e reflexiva. Por exemplo, registrar por escrito essa experiência de avaliação, refletindo sobre minha própria prática, teve um impacto muito positivo para a minha vivência de formadora de professores e professoras. Levarei, certamente, muito dela comigo para minha atuação em sala de aula.

Em relação aos textos dos(as) professores(as), identificamos dificuldades enfrentadas no percurso de realização das oficinas, mas também percebemos o prazer em verem sua escrita em foco, em se sentirem prestigiados(as)

1. Paulo Freire. *Pedagogia do oprimido*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 90.

pela Olimpíada e terem direito à voz, justamente em um período que tem exigido deles tantas competências e habilidades, sem que tenham tido acesso à formação necessária para isso, em sua formação inicial ou continuada.

Para enfrentar as dificuldades por falta de acesso a tecnologias, ou mesmo de lacunas na formação docente, professores, professoras e estudantes atuaram seguindo a lógica de que todos(as) ensinam e todos(as) aprendem, solidariamente. Isso foi apontado nos relatos lidos, conforme podemos ver em “Um poema em louvor da estrada”, do professor Gilmar de Oliveira Silva, de União dos Palmares (AL):

“[...] com as ações planejadas para uso da tecnologia, vinha muito trabalho, muito aperreio e muita necessidade de se aprender coisas complicadas para nós, mas muito simples para o 3º A”.

Nesses momentos, entravam em cena os(as) estudantes e partilhavam conhecimentos e experiências com os(as) docentes, como relata Gilmar: “[...] com eles conseguimos fazer transmissão no Instagram, editar vídeos, elaborar *cards*, produzir *podcasts*, conhecer novos aplicativos para inovação de técnicas pedagógicas nas aulas”. Esse exemplo ilustra uma concepção de educação dialógica assumida no trabalho da Olimpíada: “O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado em diálogo com o educando, que, ao ser educado, também educa”².

Aos poucos as respostas à pergunta que não queria calar – Que diz o texto? – iam sendo evidenciadas na escrita dos(as) professores(as). Chamou-me a atenção, além dos obstáculos enfrentados, as estratégias metodológicas pensadas para viabilizar o trabalho docente. Diversos textos relataram experiências exitosas de trabalhos que resultaram da

2. Paulo Freire. *Pedagogia do oprimido*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 79.

articulação de diferentes organizações didáticas (sequências didáticas, oficinas e projetos), ideia que defendo, por entender que uma organização dessa não exclui a outra e a articulação delas pode subsidiar a prática do professor em sala de aula.

Da Olimpíada 2021, carregarei comigo a certeza de que boa parte das soluções de que precisamos para a melhoria da qualidade da educação em nosso país pode vir dos professores e das professoras. Eles e elas revelam seriedade, compromisso, dedicação e responsabilidade social. Muitos(as) deles(as) demonstraram ter os saberes necessários ao saber fazer em sala de aula, mas ainda precisamos avançar nas políticas de letramento do professor e na sua valorização profissional, além de melhores condições de trabalho que lhes garanta, por exemplo, acesso às tecnologias e à internet. Para isso, é imprescindível também aparelhar melhor as escolas.

Ao longo de mais de trinta anos de docência, boa parte dela dedicada à formação docente, e apesar de toda a minha experiência na Olimpíada, posso afirmar: nesses dois dias de trabalho, muito aprendi. Aprendi, inclusive, que cada experiência é uma experiência singular. Aprendi até a escrever um relato de prática, numa narrativa reflexiva que me aponta caminhos e olhares para a vivência de novas experiências de ação e formação docente, na qual “[...] o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”³. Dessa experiência, saio, portanto, com a certeza de que “[...] Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, na prática e na reflexão sobre a prática”⁴.

3. Paulo Freire. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 45.

4. Paulo Freire. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1991, p. 58.

Uma volta olímpica em 20 vozes

Joelma Inês Casa

EMEF Santa Cruz, Farroupilha (RS)

O lugar onde eu vivo é o lugar de outras pessoas também

“Eles precisavam se identificar, apesar da pouca idade, como seres que já carregam suas próprias bagagens, suas próprias memórias e que as estão construindo a cada dia. Pensando nisso, estudantes e professora trouxeram objetos especiais e representativos de suas vidas. Entre os objetos escolhidos por mim, estava o livro *Estudo e produção de textos: gêneros textuais do relatar, narrar e descrever*, elaborado pelas minhas professoras da



universidade, o qual contém, como exemplo de Memórias Literárias, um texto de minha autoria, em que relato a história de minha bisavó: uma imigrante italiana que se aventurou a vir para o Brasil. Aproveitei esse momento para expor que eu elaboraria o Relato

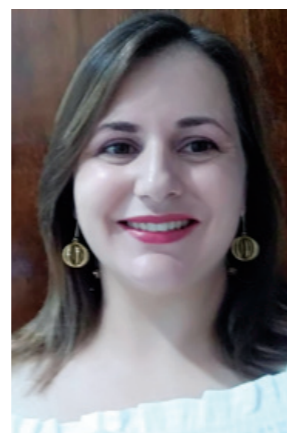
de Prática e que nosso trabalho seria coletivo, já que todos produziríamos material escrito. Eles compreenderam que estávamos na mesma embarcação e precisaríamos remar para o mesmo lado. Assim como eu os ajudava na elaboração das produções, eles constantemente lembravam e davam dicas do que eu poderia colocar no relato. Não éramos mais estudantes e professora apenas, éramos incentivadores uns dos outros.

Maria Silmara Saqueto Hilgemberg

CE do Campo de Faxinal dos Francos, Rebouças (PR)

Palavras para além do Tempo

“As primeiras produções chegaram até mim como uma transcrição das entrevistas, a maioria era um amontoado de respostas curtas e sem informações relevantes sobre o lugar ou sobre



a trajetória de vida do entrevistado. Uma mera descrição, sem afetividade, sem encantamento. Era preciso recomeçar. Pedi que dessa vez não entrevistassem, mas conversassem com os idosos, tentando captar as emoções e as expressões, que dessem

atenção, e tivessem paciência ao ouvir. Era preciso reinterpretar a escuta, para deixar o texto literário. Os que conseguissem poderiam trazer os áudios ou gravações para as aulas. Deixei recados individuais na primeira correção, mas falei apenas dos pontos que poderiam ser realçados na próxima reescrita, sobre o lado positivo de cada produção.

Nota: visando a preservação de sentido nos trechos — aqui destacados de seu contexto original — e a sua adequação ao espaço delimitado da revista, pequenos ajustes de edição foram realizados.

Passeio por relatos de prática vencedores

Aqui estão trechos dos quatro relatos de prática vencedores escritos por professores(as) que trabalharam o gênero **MEMÓRIAS LITERÁRIAS**. Ao longo da revista, você encontra também saborosos trechos de professores(as) que trabalharam os gêneros Documentário (pp. 18 e 19), Poema (pp. 30 e 31), Crônica (pp. 44 e 45) e Artigo de Opinião (pp. 64 e 65).

Maria de Fátima Sousa Lima

EM Presidente Costa e Silva, Senador La Rocque (MA)

Tempos remotos são memórias em meio às aulas remotas, hoje

“A semente foi plantada e as leituras aconteceram a contento. Entretanto, faz-se necessário ressaltar que só os(as) estudantes frequentes nas aulas *on-line*, ou seja, os que aderiram ao ensino remoto, puderam fazer as leituras, porque as fizeram de forma virtual. Utilizei quase todo o primeiro bimestre para realizá-las, orientar as produções na primeira escrita e na reescrita. Inseri outros gêneros



textuais para acalorar as reflexões e só no final do primeiro bimestre é que iniciei a proposta de trabalho com o gênero Memórias Literárias.

Organizei o material, mas a cada dia tínhamos um desafio diferente. Era o arquivo que não abria, o(a) estudante que não conseguia entrar nos aplicativos digitais e precisava de um atendimento diferenciado, quando a sua internet estivesse boa... Mas, mesmo assim, não desisti. [...] Antes das entrevistas repassei no grupo o histórico da cidade: a fundação, a emancipação e evolução econômica, desde o surgimento do povoado Mucuíba, que deu origem à cidade de Senador La Rocque, aos dias atuais.

Rute da Silva Santos

EEPE Giuliano Moretti, Tocantinópolis (TO)

Na simplicidade das memórias

“Rememorar momentos do nosso passado e resgatar as raízes de nossa origem é importante para mostrar quem somos e que significado tem na nossa vida presente. [...] A maior dificuldade dos estudantes foi a de usar a linguagem literária, fazendo uso da subjetividade e dos recursos que marcam o tempo passado para que o texto pudesse



ser classificado como memórias. Alguns apenas copiaram as respostas da entrevista, sem fazer a passagem do modo objetivo para o modo subjetivo. Precisei intervir e apresentar a diferença para o grupo, ou individualmente. Na segunda versão que recebi, os textos ainda necessitavam de mais

um toque de poesia. Fiz mais observações, solicitei que lessem mais textos e que tentassem colocar sentimento no que escreviam; dei exemplos, fiz sugestões, corriji os desvios ortográficos, substituí expressões e pedi que reescrevessem a terceira versão e me enviassem digitada.

Para esta edição, **Maria Coelho Araripe de P. Gomes** elaborou a leitura crítica sobre os vinte relatos de prática vencedores da 7ª Olimpíada. Maria é professora de Língua Portuguesa e Literatura do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contadora de histórias. Doutoranda no Programa de Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), mestra em Literatura Brasileira (UFRJ) e especialista em Literatura Infantil e Juvenil pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Integrante do grupo interinstitucional de pesquisa Literatura e Educação Literária.

ADIANDO O FIM¹: os relatos de prática docentes e a educação como ato amoroso de resistência

Faz escuro mas eu canto,
porque a manhã vai chegar.
Vem ver comigo, companheiro,
a cor do mundo mudar.

Thiago de Mello.
Faz escuro mas eu canto, 1965.

1. Referência ao livro de Ailton Krenak
(*Ideias para adiar o fim do mundo*).
São Paulo: Companhia das Letras, 2019).

“O amor na sala de aula estabelece uma base para o aprendizado que acolhe e empodera todo mundo”, afirmou bell hooks (2020, p. 239), importante intelectual negra, professora, grande leitora de Paulo Freire e que, assim como o educador brasileiro, elaborou sua *práxis* pedagógica tendo o amor como pressuposto ético de uma educação comprometida com a liberdade e a emancipação de todos os sujeitos. Em uma dessas “coincidências” que a vida nos apresenta, recebo a triste notícia de seu falecimento, em dezembro de 2021, no mesmo momento em que finalizo a primeira leitura dos vinte relatos de prática escritos pelos docentes finalistas da última edição da Olimpíada de Língua Portuguesa. Naquele instante, compreendi que as narrativas de meus colegas professores e de minhas colegas professoras, com quem partilho parte do vasto e complexo chão da escola de Educação Básica brasileira, constituíam um relevante testemunho dessa dimensão amorosa da prática pedagógica defendida por Freire e hooks e, sendo assim, seria essa potência transformadora que costuraria as reflexões que divido aqui.

Aprofundando-nos na perspectiva de hooks, compreendemos que, para a autora, o amor é, sobretudo, ato político fundamental contra todo tipo de dominação. Impõe, portanto, a necessidade do alinhamento entre os valores e as ações, a teoria e a prática, num movimento de compromisso dos sujeitos com a plena existência de si e do outro. No campo da educação isso se manifesta pela “Pedagogia Engajada” (hooks, 2020) que, em linhas gerais, propõe o direito ao reconhecimento de todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, tendo como princípio o comprometimento mútuo de professores, professoras e estudantes na construção dos saberes numa perspectiva inventiva e democrática.

“ A pedagogia engajada enfatiza a participação mútua, porque é o movimento de ideias, trocadas entre todas as pessoas, que constrói um relacionamento de trabalho relevante entre todas e todos na sala de aula. Esse processo ajuda a estabelecer a integridade do professor e, simultaneamente, incentiva os estudantes a trabalharem com integridade” (hooks, 2020, p. 49).

A busca por essa “inteireza” é visível em todos os relatos. A despeito da crise pandêmica global, que muito além de seu trágico viés sanitário, escancarou e agravou as profundas desigualdades sociais de nosso país, havia por parte dos(as) docentes o “otimismo crítico” freireano, quer dizer, uma consciência da urgência em construir novos horizontes, começando por retomar/fortalecer um vínculo da escola com os(as) estudantes. Era preciso “abrir caminho”, como bem disse a professora Mayara Almeida (Brasília/DF), e umas das maneiras, nas palavras da professora Shantynett Souza (Espinosa/MG), seria “criar experiências de

afetividade para minimizar os efeitos da pandemia”. Assim, em meio a todos os imensos desafios pedagógicos – evasão, carência de ferramentas digitais, dificuldades materiais, luto, medo, fome – que se sobrepuseram aos já inúmeros desafios existentes, cada docente junto com sua comunidade escolar trabalhou a proposta da Olimpíada no sentido de oportunizar aos estudantes uma experiência significativa de elaboração dos saberes: “Mais importante do que o produto final eram as experiências adquiridas durante o processo de construção das aprendizagens”, afirmou a professora Rosana Maria Lopes (Cezarina/GO).

Nesse caminho, saltam aos olhos as variadas tentativas de garantir o mínimo acesso dos estudantes à educação: além das aulas remotas pelas plataformas, realização de grupos por WhatsApp, Telegram, *e-mail*, conta em redes sociais variadas, atendimento individualizado presencial, ligações para as famílias, impressão e entrega domiciliar dos materiais para aqueles que não tinham condições de acesso virtual. Houve até professor que gravou algumas aulas atrás da igreja da cidade onde o sinal de internet era

melhor; já outro nos conta que montou uma barraca na feira para encontrar seus alunos e entregar a eles os materiais da Olimpíada. Longe de querer romantizar a sobrecarga de trabalho docente evidenciada nos relatos, compartilho em detalhes algumas das ações realizadas justamente no intuito de visibilizar todo o esforço intelectual e físico investido e por vezes ignorado pelas narrativas oficiais e midiáticas sobre a escola e seus profissionais.

As dúvidas de como viabilizar um processo de ensino e aprendizagem significativos em condições tão precárias eram muitas, mas em todos os docentes

predominava o senso de responsabilidade social diante de seu ofício. Vivendo a história como tempo de possibilidades e não de determinação (Freire, 1996) foi possível forjar trincheiras de resistência diante da desumanização e, sobretudo, construir alternativas para “adiar o fim”, através desse legado de esperança criado pelo exercício de viver e narrar o vivido. Como também professora de uma escola pública que, há alguns anos, vem se debruçando sobre as escritas dos estudantes em seus diários de leitura, posso dizer que ler os relatos de prática de meus companheiros foi uma experiência única de deslocamento e identificação que, tenho certeza, vai contribuir e muito para o meu próprio relato que vem tomando forma de tese de doutorado.

Assim, o que proponho nestas linhas é a retribuição dessa prática amorosa, nos termos de hooks, através de uma apreciação crítica que dialogue com as experiências trazidas pelos vinte relatos, analisados aqui em conjunto, identificando singularidades, mas, principalmente, costurando aquilo que há de comum entre as práticas desses vinte docentes e que, seguramente, em diversos pontos, refletem a realidade das(os) demais professoras e professores de nosso país. Os exemplos utilizados, portanto, buscam ilustrar elementos que perpassam todos os relatos. E para dar corpo a essa apreciação, elaborei um recorte de aspectos da docência que, a meu ver, são fundamentais e estratégicos para a construção efetiva da prática engajada e que dizem respeito às dimensões de autoria, afetividade, curiosidade e posicionamento crítico.

Identidades docentes: autoria, pesquisa, afeto e criticidade

Pensando a Pedagogia Engajada à luz dos relatos, como um tripé sustentado por diferentes vetores, proponho debruçarmo-nos sobre aquele que é o principal responsável pela condução dos caminhos do ensino e da aprendizagem na escola. “O professor é o representante do saber socialmente legitimado na sala de aula” (Lerner, 2002, p. 133) e, portanto, é a nós que os(as) estudantes recorrem em busca de validação, troca, legitimação de seus percursos, bem como cabe a nós pensar o planejamento a partir de uma determinada perspectiva político-pedagógica, construir metodologias, selecionar conteúdos, relacioná-los e adaptá-los à realidade de cada grupo, avaliar os processos. Nesse

sentido, é possível afirmar que a identidade docente é plural e mobiliza algumas dimensões relacionadas à autoria, ao afeto, à pesquisa e ao olhar crítico.

Contudo, a docência da Educação Básica é uma profissão atravessada por questões estruturais que dizem respeito à precarização na formação inicial, desvalorização salarial, além da falta de políticas públicas que comprometem o exercício pleno, consciente e inventivo de nosso ofício. A pandemia, como mencionamos, veio para agravar esse contexto e nos colocou um desafio: diante desse cenário complexo, como garantir a legitimação da identidade docente de que fala Lerner? Como efetivar nosso trabalho sob os princípios freireanos da “curiosidade epistemológica” (Freire, 1996), assumindo uma posição autoral e crítica diante de nossas próprias práticas, saberes e fazeres docentes?

Uma das estratégias que pude observar nos relatos foi a adoção de uma postura investigativa. A máxima de que o docente é um pesquisador de sua própria prática realizou-se por diferentes caminhos, e todos eles movidos por uma atitude de sujeito diante da condição de professor. Conjugando imaginação, subjetividade e pensamento crítico, os docentes foram se apropriando de maneira autoral do material de apoio produzido pela Olimpíada, fazendo as adaptações necessárias a cada realidade, construindo o currículo no cotidiano da sala de aula. “Busquei auxílio nas oficinas [...], contudo, não as segui à risca, pois percebi que eu deveria trazer o conteúdo ministrado ali para dentro da realidade do lugar onde vivemos”, disse Rosana Maria Lopes.

Nesse sentido temos, por exemplo, a estratégia da professora Joelma Inês Casa (Farroupilha/RS) de agregar a leitura literária de “Bisa Bia Bisa Bel”, de Ana Maria Machado, como sensibilização para o trabalho com o gênero Memórias Literárias; Mayara Almeida (Brasília/DF) se apropriou da ideia de “autor homenageado” que a Olimpíada já promove para fazer um sarau em homenagem a um poeta da região eleito por eles; e Maria Silmara Hilgemberg (Rebouças/PR) compartilhou conosco sua estratégia de engajamento com os estudantes: “Se quero que o aluno conte uma boa história, conto algumas também. Se quero que perca o medo do branco da folha, produzo também e isso gera certa cumplicidade”.

Essas estratégias de aproximação e sensibilização baseiam-se fortemente no saber da experiência, quer dizer, um saber que tem seus sentidos ancorados no afeto: “A experiência

é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Larrosa, 2002, p. 21), ou, nas palavras de Mayara Almeida: “Como gostar de algo que não conhece, não vive?”. Nessa chave, o conhecimento se opera no próprio sujeito, que não é o indivíduo isolado, mas aquele que, pela própria etimologia da palavra, *experiri*, está “exposto”, “posto ao perigo” de viver e conhecer, tecendo um saber que se costura na coletividade, na partilha da experiência com outros sujeitos. A partir desse compromisso com o saber engajado, os docentes buscaram “sistematizar as atividades com experiências reais”, nas palavras de Shantynett Souza, e um dos caminhos férteis para tal foi fortalecer a relação dos saberes escolares com o seu entorno. Alinhando inclusive com a temática “O lugar onde vivo”, são inúmeros os exemplos relatados, como o de Josefa Maria Taborda (Macapá/AP), que buscou textos de escritores locais para compor suas aulas sobre o gênero Crônica, ou outros professores que levaram moradores antigos para narrarem suas experiências com a cidade, profissionais locais especializados e até estudantes participantes de versões anteriores das Olimpíadas para a feitura desse mosaico de saberes que, em contraposição a um discurso monológico centrado no docente, foi sendo construído na base do diálogo e da troca, estabelecendo a tão cara noção de “comunidade de aprendizagem”, defendida por hooks (2020).

Outro aspecto da postura investigativa diz respeito à disponibilidade para o estudo. O professor engajado forma se formando, num processo contínuo de “autoatualização” (hooks, 2020). Nesse caso, chamou minha atenção o empenho dos e das docentes responsáveis pelo documentário na medida em que praticamente todos disseram ter pouca familiaridade com as especificidades do gênero e, ainda sim, promoveram encontros comprometidos com uma aprendizagem significativa para os(as) estudantes em defesa do que muitos denominaram “cidadania digital”. Isso ocorreu, em grande parte, por conta do compromisso investigativo dos docentes em se debruçar sobre os materiais da Olimpíada, além de buscar outros referenciais. Foi com orgulho que Mylenna Cacho (São Gonçalo do Amarante/RN) compartilhou a definição produzida por um estudante depois do desenvolvimento das atividades em torno do documentário: “É a escrita em movimento”. Já a professora Shantynett Souza disse que “aprendeu a ler o silêncio”, referindo-se inicialmente ao desafio da pouca interação

De acordo com Joaquim Dolz, as oficinas, em formato de sequências didáticas, caracterizam-se por um conjunto de atividades escolares sobre um gênero textual, organizadas de modo a facilitar a progressão na aprendizagem da escrita.

Fonte: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/a-sequencia-didatica-como-eixo-do-ensino-da-escrita-poema/index.html>.

durante as aulas virtuais, mas pensando também nos silêncios que provocam fissuras e se apresentam como brecha para profundas construções de sentido.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de falar um pouco a respeito do próprio processo de escrita dos relatos docentes e sua relevância para o exercício da autoria crítica. Como professoras e professores de Língua Portuguesa, faz parte de nosso cotidiano propor e estimular a escrita dos estudantes e, geralmente, fazemos isso provocando-os a adotar uma postura autônoma e crítica diante de seus textos. Antonio Augusto Andrade (Belo Horizonte/MG), por exemplo, salienta essa preocupação ao pensar o artigo de opinião como gênero que possibilita justamente o reconhecimento de sujeitos críticos. Estamos tratando, portanto, da ideia de que escrever é ato que produz conhecimento e para que esse conhecimento faça sentido, é preciso que a escrita seja dotada de sujeitos capazes de se expressarem criticamente, acessando sua subjetividade.

Assim, ao serem convocados a escrever seus relatos, os docentes tiveram a oportunidade de elaborar reflexões a partir de suas práticas, experimentando eles mesmos uma mudança de paradigma em relação à equivocada noção de que uma escrita mais acadêmica ou de caráter investigativo demanda distanciamento. Ao contrário, nossa capacidade crítica provém da possibilidade de nos apropriarmos da palavra por meio de uma escrita inventiva que nos

ajuda a elaborar um posicionamento sobre o mundo, sobre o currículo e sobre a docência. Mais uma vez hooks contribui para nossas reflexões na medida em que, segundo a autora, compartilhar histórias é a chave para a educação como prática da liberdade:

“Conversei com públicos que, segundo me disseram, não teriam interesse em ‘teoria’; depois, descobri que se eu os preparasse para uma mudança de paradigmas, contando uma história [...] minhas ideias seriam recebidas com mais abertura. Isso mudou a natureza da minha escrita. Também mudou a minha vida” (hooks, 2020, p. 91).

Escrever, pois, é deixar legado, parafraseando a professora Dayane da Costa (Bacabal/MA), e foi isso o que esses docentes concretizaram. Aliando teoria, prática e amor, muitos nos presentearam com um olhar ético e estético para suas vivências na escola, como a metáfora do trem criada por Gilmar de Oliveira (União dos Palmares/AL) para louvar a estrada por onde caminharam seus alunos, ou o “plano de voo” de Josefa Taborda (Macapá/AP), ou ainda, o navio no qual embarcaram os estudantes de Joelma Inês Casa (Farroupilha/RS), que ao final de suas reflexões, pergunta: “Será que chegamos ao nosso destino? Não, definitivamente não”, afinal, o que desejamos construir com os(as) estudantes é a boniteza da busca.

O fim é só o começo

Em meados de 1990, a educadora brasileira Glória Pondé (2017, p. 432) lança a seguinte pergunta: “Qual o papel da educação pública na formação da civilização do próximo milênio?”. Trazendo para nós, professoras e professores desse tempo anunciado por Pondé, a responsabilidade de respondê-la, penso que um dos papéis é a busca de nossa humanidade partilhada através de práticas escolares que fortaleçam a potência dos sujeitos e a socialização dos saberes. A Pedagogia Engajada de hooks nos serviu e nos serve de bússola para pensar estratégias de resistir amorosamente, lutando sempre pela dignidade e integridade de nosso trabalho. Ailton Krenak, pensador indígena referenciado no título deste texto, em *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019, p. 13), nos diz que esse adiamento reside na eterna possibilidade de contar mais uma história: “Se pudermos fazer isso, estamos adiando o fim”. Os aspectos abordados nestas linhas nem de longe dão conta da totalidade de questões e riquezas presentes nos relatos. Assim meu intuito foi oferecer um olhar subjetivo, crítico e afetivo de uma professora que enxergou ali a potência transformadora do trabalho docente quando aliado a uma prática engajada e comprometida com a emancipação dos sujeitos. Espero ter retribuído à altura.

Nota: as professoras e os professores diretamente citados neste texto estão descritas(os) a seguir, relacionadas(os) por gênero trabalhado.

Poema: Mayara Almeida Liberino Tavares da Silva, EC Monjolo, Brasília (DF); Rosana Maria Lopes, EM Juscelino K. de Oliveira, Cezarina (GO).

Artigo de Opinião: Antonio Augusto Braico Andrade, CEFET, Belo Horizonte (MG); Gilmar de Oliveira Silva, EE Rocha Cavalcanti, União dos Palmares (AL).

Memórias Literárias: Joelma Inês Casa, Escola Santa Cruz, Farroupilha (RS); Maria Silmara Saqueto Hilgemberg, CE do Campo de Faxinal dos Francos, Rebouças (PR).

Crônica: Dayane da Costa Silva, UEF Deputado Eligio Almeida, Bacabal (MA); Josefa Maria Taborda do Nascimento Silva, EE Professor Irineu da Gama Paes, Macapá (AP).

Documentário: Mylenna Vieira Cacho, IFRN, São Gonçalo do Amarante (RN); Shantynett Souza Ferreira Magalhães Alves, EE Betania Tolentino Silveira, Espinosa (MG).

Referências

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- hooks, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. Tradução Bhuvli Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LARROSA, Jorge. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, 2002.
- LERNER, Delia. *Ler e escrever na Escola: o real, o possível e o necessário*. São Paulo: Editora Penso, 2002.
- MELLO, Thiago de. *Faz escuro mas eu canto*. São Paulo: Global Editora, 2017. [1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.]
- PONDÉ, Glória. *Retalhos femininos: tecendo a mulher profissional no fim do século XX*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2017.

Uma volta olímpica em 20 vozes

Lívia de Oliveira Silva

EE Professor José Quintella Cavalcanti, Arapiraca (AL)

Longe dos olhos e perto do coração

“Primeiro definimos algumas questões polêmicas, entre elas: o Enem é um exame democrático, como forma de acesso à universidade? Deve-se proibir o uso de celular em sala de aula? O(A) estudante deve participar das questões relativas ao que é ensinado em cada semestre?



Depois, reforcei, a partir das questões, algumas regras que estavam no caderno dos docentes. Percebi que o melhor era deixá-los à vontade a fim de que escolhessem seus grupos de debate. Essa empatia tem me ajudado a desenvolver

um trabalho que depende da parceria com os estudantes, ou seja, sem eles não seria possível. O debate foi muito proveitoso. Eles se posicionaram e, apesar de certa fragilidade na escolha de argumentos, notei e valorizei o esforço feito por todos em pesquisar sobre os temas. Ao término da aula, vi a satisfação com a atividade, inclusive estudantes contentes, um deles até enviou uma mensagem que vale a pena destacar: “Faz mais aulas assim, ‘prof’. Eu amei!”.

Nota: visando a preservação de sentido nos trechos — aqui destacados de seu contexto original — e a sua adequação ao espaço delimitado da revista, pequenos ajustes de edição foram realizados.

Antônio Augusto Braico Andrade

CEFET – Unidade Belo Horizonte, Belo Horizonte (MG)

Lecionar para quem me surpreende...

“Era preciso que o estudante se mostrasse, evidenciasse a marca autoral dele, assinalasse o seu lugar no mundo. Henrique surpreendeu ao trazer um tema contemporâneo e, diria, de apelo mundial, localizando-o na realidade dele, do local onde vive e entre aqueles que têm a mesma faixa etária dele. Com propriedade, tratou da homofobia e da



necessidade de uma educação inclusiva, esclarecedora, que forme cidadãos melhores para o mundo em que vivemos. Fez isso a partir de um acontecimento com um personagem caro ao mundo dos jovens (um *influencer*) e, a despeito de trazer repertório sociocultural com grandes

filósofos, ainda finalizou o texto com a menção a um MC. Isso tudo em um artigo de opinião que, conforme disse a eles, não deve ser visto como um gênero elitista, mas que evidencie a marca do seu autor.

Passeio por relatos de prática vencedores

Aqui estão trechos dos quatro relatos de prática vencedores escritos por professores(as) que trabalharam o gênero **ARTIGO DE OPINIÃO**.

Ao longo da revista, você encontra também saborosos trechos de professores(as) que trabalharam os gêneros Documentário (pp. 18 e 19), Poema (pp. 30 e 31), Crônica (pp. 44 e 45) e Memórias Literárias (pp. 54 e 55).

Gilmar de Oliveira Silva

EE Rocha Cavalcanti, União dos Palmares (AL)

Um poema em louvor da estrada

“Ainda com intuito de reforçar a identidade palmarina (nosso adjetivo pátrio), resgatamos a produção de *podcasts* em forma de programa de



rádio, atividade exitosa em 2020, para refletir sobre temáticas distintas relativas à nossa história. Eram produzidos diariamente, de segunda a sexta, trazendo convidados diferentes a cada programa. Foram professores e funcionários da escola e da universidade,

ex-estudantes, integrantes de movimentos sociais, artesãs, que seguraram nossas mãos e embarcaram com a gente nessa viagem através do *podcast* denominado “Rádio Rocha”, expondo reflexões sobre questões sociais, históricas, ambientais, culturais do povo palmarino. Os *podcasts* eram distribuídos no *feed* do Instagram da escola e nos grupos de WhatsApp das turmas, construindo embasamento para as produções de artigos de opinião. Dessa maneira, os *podcasts* foram além dos espaços postados, chegaram a atrair a comunidade escolar, parentes e amigos distantes de estudantes, levando as reflexões a uma dimensão maior do que planejamos, surgindo até a proposta de um programa convencional de rádio.

Melqui Zedeque Lopes Ribeiro

EE Deputado José Medeiros, Paulo Jacinto (AL)

Produção textual: superando o desafio de desenvolver a habilidade de leitura e a produção de artigos de opinião em tempos de pandemia

“Identificada a dificuldade dos estudantes em relação à apresentação de argumentos sólidos, fundamentados e capazes de persuadir, de convencer ao auditório, resolvemos dividir esse encontro em dois momentos: uma hora para o debate e outra para a produção de textos. O tema escolhido nesse dia foi: “É possível inibir o discurso de ódio propagado pelas redes sociais contra quem



pensa diferente? Até que ponto as *fake news* contribuíram para isso?” Para favorecer o debate, o professor apresentou diversos vídeos abordando os impactos negativos provocados pelas *fake news* na vida dos cidadãos brasileiros. Em seguida, após o debate, os estudantes

receberam a seguinte incumbência: pesquisar maneiras de como verificar se um vídeo publicado nas redes, por exemplo, é falso ou verdadeiro, e depois gravar um pequeno vídeo (com 5 minutos, no máximo), orientando as pessoas quanto aos perigos das *fake news* e como combatê-las.

Arquiteta

Sondadora do mundo (embora aguda e suspeita),
teço palavras
para, nas curvas das asas,
reinventar o paraíso.
Na arquitetura que esboço,
nada é curto, breve ou efêmero.
O infinito será a meta,
Para satisfazer as aspirações dos homens.

Tudo é lícito e transparente,
como o meu sonho:
nenhum recado furtivo,
passadas bizarras,
esquisitices na entrega.
Nada de choros, lamentos,
gritos, sussurros, suturas e cirurgias,
posto não haver ferimentos.

Todo coração estará de prontidão,
para cingir alma lisa, leve e transparente.
Todas as mãos serão abertas,
para dar, receber, acariciar,
e, sobretudo, amparar na queda.

In: *Poemas do regresso*. Rio de Janeiro:
Malê, 2020, pp. 101-102.



Foto Camilla Kinker

A professora, poeta e escritora **Geni Mariano Guimarães** é a homenageada em nossa 7ª edição da Olimpíada. Nasceu no município de São Manuel (SP) em 8 de setembro de 1947. Iniciou a carreira literária escrevendo para jornais do interior paulista, onde se envolveu com questões socioculturais do campo e reflexão em torno da literatura negra. Autora de vários livros, entre eles: *Terceiro filho*, *Balé das emoções*, *A dona das folhas*, *A cor da ternura*, *Leite do peito*, *O rádio Gabriel* (infantil), *Aquilo que a mãe não quer* (infantil), *O Pênalti* (infantil) e *Poemas do regresso*. Também publicou na série “Cadernos Negros” e participou de algumas antologias.

Na ponta do Lápis

ano XVIII • número 38 • abril de 2022

Acesse
www.escrevendoofuturo.org.br



Parceiros



Coordenação
Técnica



Iniciativa



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Margarete Pedro Patrícia Rosiane
João Wanderley Lilian Jakelme Geni
Juliana Fernanda Francisco Mylenna
Maria Silmara Jussara Melqui
Joelma Rute Josefa Gilmar Mayara
Rosana Shantynett Shirlei
Ivoneide Ana Carolina Dayane Livia
Maria de Fátima

Distribuição gratuita

Palavra de educador(a):
viver para contar e contar para viver
Experiências da 7ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa